



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

Cristian Edevaldo Goulart

HAITIANOS – UMA NOVA HISTÓRIA NO BRASIL E UM NOVO RECOMEÇO EM SC!
ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE PLE

Florianópolis

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

Cristian Edevaldo Goulart

HAITIANOS – UMA NOVA HISTÓRIA NO BRASIL E UM NOVO RECOMEÇO EM SC!
ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE PLE

Monografia apresentada ao curso de Letras – Língua e Literatura Vernáculas em Português da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Bacharelado em Letras.

Orientadora: Prof. Dr.^a Cristine Görski Severo

Florianópolis

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Goulart, Cristian E.

Haitianos - uma nova história no Brasil e um novo recomeço em SC : Elaboração de um projeto de PLE / Cristian E. Goulart ; orientadora, Cristine Görski Severo - Florianópolis, SC, 2015.

105 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Graduação em Letras Português.

Inclui referências

1. Letras Português. 2. Haitianos. 3. Políticas Linguísticas. 4. Migração. 5. Português como Língua Estrangeira. I. Severo, Cristine Görski. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras Português. III. Título.

Cristian Edevaldo Goulart

**HAITIANOS – UMA NOVA HISTÓRIA NO BRASIL E UM NOVO RECOMEÇO EM SC!
ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE PLE**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de “Bacharel”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Graduação em Línguas e Literaturas Vernáculas.

Florianópolis, 11 de dezembro de 2015.

Prof. Dr. Stélio Furlan

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Cristine Görski Severo,

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr.^o Rodrigo Acosta Pereira,

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Me. Alexandre Cohn da Silveira,

Universidade Federal de Santa Catarina

Com amor e admiração, dedico este trabalho aos meus pais, pelo incansável incentivo à minha formação intelectual; ao meu companheiro, pela compreensão diária e pelo apoio à minha escolha do objeto de pesquisa; e aos meus alunos haitianos, pela coragem em lutar por uma vida melhor.

AGRADECIMENTOS

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma de nossos corpos e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia. E se não ousarmos fazê-la teremos ficado para sempre à margem de nós mesmos.
(Fernando Pessoa)

Finalmente chegou o dia de prestar meus agradecimentos. Confesso que protelei até onde pude para escrevê-los, sendo que durante toda a minha graduação sonhei com este momento. É um momento muito especial e, portanto, muito difícil de ser traduzido em palavras, pois estou encerrando uma etapa da minha vida. Etapa esta, que não teria sido vencida se não fosse pela ajuda e compreensão de muitas pessoas que são importantes para mim. Algumas me acompanham desde quando eu era criancinha, outras eu fui encontrando no decorrer do caminho, mas todas, sem dúvida alguma, contribuíram para que este momento se tornasse possível. Desse modo, presto, carinhosamente, meus agradecimentos:

À Deus, por ter me concedido o dom da vida e, também, por ter me agraciado com a família que tenho.

À melhor mãe do mundo, Rosane A. F. Goulart, que renunciou parte dos seus sonhos em favor dos meus. Jamais me esquecerei dos momentos sofridos que vivemos, peregrinando hospitais em busca de respostas, do seu amor inabalável e de sua perseverança. Você foi, é, e sempre será a melhor mãe do mundo, sem você eu jamais teria chegado até aqui. AMO VOCÊ!

Ao meu pai, Edevaldo V. Goulart. Exemplo de homem íntegro e honesto, que sempre batalhou para proporcionar a nossa família todo o conforto que temos hoje. Tenha certeza, meu amado pai, que suas noites em claro não foram em vão, elas contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui. Tenho enorme orgulho da educação que o senhor me proporcionou. Guardo comigo todas as suas palavras e seus ensinamentos, pois certamente elas contribuíram para que eu me tornasse o ser humano que sou. AMO VOCÊ!

Ao meu grande amor. Eterno companheiro. Cláudio S da Rosa. Por ter acompanhado todo o meu processo de formação e por ter compreendido meus

momentos de histeria, chatices, loucuras e, principalmente, por sempre ter acreditado em mim. AMO VOCÊ mais do que os peixes amam o mar!

Aos meus avós paternos, Julieta e Valmor. Agradeço por todo amor, carinho e educação dispensado a mim até os dias de hoje. Meus segundos pais. Lembrarei com enorme carinho de toda minha infância, do vô brigando comigo por eu ter chutado a bola no portão; da vó chamando-me para almoçar, são momentos que estão eternizados em minha memória. Esta conquista também é de vocês, pois sei que sempre torceram por mim. AMO VOCÊS!

Aos meus avós maternos, Amadeu e Luiza (*in memoriam*), que mesmo longe se fizeram presentes em minha vida. Agradeço por terem me dado o melhor presente que eu poderia ter recebido: mamãe. Gostaria que ainda estivessem aqui para presenciar esta conquista, mas acredito que estejam onde estiverem vocês estarão comemorando.

Aos meus irmãos, Edmilson, Felipe e Leandro, por terem me ensinado o verdadeiro significado da palavra cumplicidade.

Aos meus tios e tias por se fazer presentes em minha vida nos momentos em que meus pais não podiam estar. Em especial, minha madrinha, Rosilda, minha segunda mãe, e por quem nutro um enorme carinho. AMO VOCÊS!

Aos demais membros de minha família, por compreenderem minha ausência ao longo desse ano. Vocês moram no meu coração.

Aos meus amigos, Diego e Zih, por me tirarem da rotina e por terem me ensinado o verdadeiro significado da palavra “amigo”. AMO VOCÊS.

Às minhas amigas: Graciela, Marcia, Vanessa Grando e, principalmente, Amanda Nascimento. Agradeço por terem compartilhado comigo estes longos anos de graduação, os anseios e as dificuldades encontradas ao longo da jornada. Pelas excelentes conversas e, também, por nossos maravilhosos cafés. Obrigado meninas, vocês são demais.

Aos meus colegas do PPG em Linguística. Gostaria de agradecer pelas discussões calorosas e pela ajuda que cada um me ofereceu, em especial ao Alexandre à Charlot, à Heloisa e à Natalia.

Gostaria de agradecer, também, à minha orientadora Cristine Görski Severo, por ter aceitado o desafio de me orientar e por ter feito com muita dedicação, atenção e paciência, além de ter me ouvido nos momentos de angústia e desespero, principalmente quando entrei pela primeira vez numa sala de aula para lecionar PLE para haitianos. Muito Obrigado!

Aos meus professores, sejam eles da escola ou da universidade, por terem compartilhado seus conhecimentos ao longo dessa caminhada. Em especial as professoras Mary Elizabeth Cerutti Rizzatti, Sandra Quarezemin, Izete Lehmkuhl, Silvia Coneglian e os professores Celdon Fritzen e Jair Zandoná. Seja através da linguística ou da literatura, todos me mostraram o que é lecionar com amor, respeito e dedicação. Meu muito obrigado a todos!

Ao Daniel e a Esther por terem acreditado em minha pesquisa e por terem me colocado em contato com os haitianos.

À Ana Cláudia por ter dividido comigo a turma de haitianos e por ter compartilhado os momentos de angústia e desespero.

Aos haitianos e haitianas que frequentaram minhas aulas, por terem acreditado em mim e, também, por terem compartilhado comigo um pouco de sua cultura, que é riquíssima. Vocês fizeram história em minha vida. Meu muito obrigado a todos.

Às emoções...

*São tantas já vividas
São momentos
Que eu não me esqueci
Detalhes de uma vida
Histórias que eu contei aqui...*

*Se chorei ou se sorri
O importante
É que emoções eu vivi...*
(Roberto Carlos)

Assim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para transformar este sonho numa realidade. É certo que outras pessoas, não menos importantes, também contribuíram, no entanto, as que citei são especiais de mais para mim. MUITO OBRIGADO!

Toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento.

(Homi K. Bhabha)

RESUMO

O presente trabalho aborda a questão do fluxo migratório de haitianos para o Estado de Santa Catarina, com destaque para as políticas linguísticas, consideradas essenciais no acolhimento prestado aos imigrantes. Esta pesquisa procurou descrever e analisar os motivos que impulsionaram a vinda de haitianos para o Estado catarinense, especialmente para Florianópolis, assim como, averiguar o papel do poder público no acolhimento prestado aos imigrantes. Diante de um cenário no qual os imigrantes estavam sendo lançados à margem da sociedade brasileira, constatou-se que a maior barreira enfrentada por eles é o idioma, o que dificulta e impossibilita sua inclusão social. Sob a luz de Calvet (2007), no que diz respeito às políticas linguísticas, buscou-se desenvolver um projeto de ensino do português como língua estrangeira (PLE), através de uma parceria construída entre UFSC e Secretaria Municipal de Educação (SME). O projeto foi mediado entre os meses de agosto e novembro/2015. Ao final, conclui-se que embora o Brasil seja conhecido mundialmente por acolher imigrantes de forma humanitária, o tema ainda precisa ser mais bem trabalhado pelo poder público, principalmente pelo Estado de SC, que se encontra atrasado face aos demais estados do Sul do Brasil. Quanto ao projeto, observou-se que ele é capaz de auxiliar os imigrantes no processo de inclusão social, pois a principal barreira (o idioma) estaria sendo superada. No entanto, por se tratar de um projeto piloto, ele ainda carece de ajustes e de uma maior concentração de esforços por parte da SME para a efetiva inserção destes imigrantes na sociedade brasileira.

Palavras-chave: haitianos, imigrantes, português.

RESUMEN

El presente trabajo se ocupa de los flujos migratorios de los haitianos en el Estado de Santa Catarina, con destaque para las políticas lingüísticas consideradas como esenciales en la acogida a los inmigrantes. Esta investigación trató de describir y analizar las razones que llevaron a llegada de los Haitianos en estado de Santa Catarina, sobre todo a Florianópolis, así como investigar el papel del poder público en la recepción de los inmigrantes. En un escenario en el que los inmigrantes se veían excluidos de la sociedad brasileña, se observó que el mayor obstáculo al que se enfrentan es el idioma, lo que impide su inclusión social. A la luz de Calvet (2007), en lo que se refiere a las políticas lingüísticas, hemos tratado de desarrollar un proyecto de educación del portugués como una lengua extranjera (PLE), a través de una asociación entre UFSC y Secretaria Municipal de Educação SME. El proyecto se llevó a cabo entre los meses de Agosto y Noviembre/2015. Al final, se concluye que a pesar del Brasil ser conocido en todo el mundo por recibir los inmigrantes de forma humanitaria, el tema debe ser más bien trabajado por el poder público, fundamentalmente en el estado de SC que se retrasa en comparación con otros estados del Sur de Brasil. En el proyecto, se observó que ello es capaz de ayudar a los inmigrantes en el proceso de inclusión social, porque la principal barrera (el idioma) se pueda superar. No obstante, se trata de un proyecto piloto que aún necesita de ajustes y una mayor concentración de esfuerzos por parte de la SME para la integración efectiva de los inmigrantes en la sociedad brasileña.

Palabras-clave: los haitianos, los inmigrantes, el portugués.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Divisão Colonial da Ilha Hispaniola.....	31
FIGURA 2: Rotas de Haitianos para o Brasil.	44

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Autorizações para concessão de visto permanente ou residência permanente no Brasil para imigrantes Haitianos.....	47
QUADRO 2: Concessões de vistos permanentes por nacionalidades.....	47
QUADRO 3: Em relação à nacionalidade da população atendida.....	53
QUADRO 4: Atendimento por gênero.....	53
QUADRO 5: Atendimento por ano: Julho 2013/ Julho 2015.....	54
QUADRO 6: Atendimentos por idade.....	55
QUADRO 7: Condições Migratórias por atendidos pela Pastoral.....	56
QUADRO 8: “Dificuldades enfrentadas pelos imigrantes haitianos no Brasil.”.....	60
QUADRO 9: Cronograma de atividades do projeto.....	Erro! Indicador não definido.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT – Admitido em Caráter Temporário.

ALESC- Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

CCE – Centro de Comunicação e Expressão.

CNIg – Conselho Nacional de Imigração.

CONARE – Comitê Nacional para Refugiados.

CPF – Cadastro de Pessoa Física.

CSNU – Conselho de Segurança das Nações Unidas.

CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social.

DLLV – Departamento de Língua e Literatura Vernáculas.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

EUA – Estados Unidos da América.

GAIRF – Grupo de Apoio a Imigrantes e Refugiados em Florianópolis e Região.

GAPA – Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS.

GPTW – *Great Pleace to Work*.

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

LP – Língua Portuguesa.

MIF – Força Multinacional Interina.

MINUSTAH – Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti.

MJ – Ministério da Justiça.

MPT – Ministério Público do Trabalho.

MRE – Ministério das Relações Exteriores.

ONU – Organização das Nações Unidas.

PB – Português Brasileiro.

PLE – Português como Língua Estrangeira.

PMF – Prefeitura Municipal de Florianópolis.

PPGLg – Programa de Pós Graduação em Linguística.

RN – Resolução Normativa.

SC – Santa Catarina.

SINCRE – Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros.

SME – Secretaria Municipal da Educação.

SNJ – Secretaria Nacional de Justiça.

SST – Secretária de Assistência Social do Estado.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	26
2. HAITI: UM LUGAR NA HISTÓRIA MUNDIAL	30
2.1 DESASTRES ECOLÓGICOS E VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL	36
3. HAITIANOS: UMA NOVA HISTÓRIA NO BRASIL.....	40
3.1 A VIAGEM E O VISTO HUMANITÁRIO	43
4. HAITIANOS: O RECOMEÇO EM SANTA CATARINA	50
5. O PROJETO.....	60
5.1 DOS ENCONTROS E DESENCONTROS	61
5.2 O PRIMEIRO CONTATO COM A TURMA DE HAITIANOS	64
5.3 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROJETO.....	66
5.4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PROJETO	72
5.5 METODOLOGIA DO PROJETO	75
5.6 OBJETIVOS DO PROJETO.....	77
5.6.1 Objetivos específicos.....	78
5.7 CONHECIMENTOS TRABALHADOS	78
5.8 RECURSOS NECESSÁRIOS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO	80
5.8.1 Recursos materiais.....	80
5.8.2 Recursos bibliográficos	81
5.9 MÉTODO DE AVALIAÇÃO UTILIZADO NO PROJETO	82
5.10 A EXPERIÊNCIA DOCENTE	82
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
7. REFERÊNCIAS	92
8. ANEXOS	98

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar alguns resultados da pesquisa realizada ao longo do ano de 2015, no tocante à vinda de imigrantes haitianos para Santa Catarina, especialmente sobre minha experiência na elaboração de um projeto de *Português como Língua Estrangeira*, o qual visa possibilitar a inclusão social desses imigrantes na região da Grande Florianópolis, por meio de um projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, mais precisamente através de uma parceria estabelecida entre a área de Políticas Linguísticas – DLLV/UFSC - e a Educação de Jovens e Adultos – EJA/Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Antes de apresentar o projeto elaborado para o ensino de Língua Portuguesa aos imigrantes haitianos na Grande Florianópolis, julgo necessário apresentar o contexto histórico pelo qual o Haiti passou (e ainda vive) e que resultou na emigração de sua população para o Brasil, assim como os motivos pelos quais esses imigrantes escolheram Santa Catarina como destino final.

O texto que aqui apresento é de caráter descritivo e busca inspirações nas teorias apresentadas por Calvet (2007) – *As políticas linguísticas* – e por Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011) – *Linguística Aplicada* –, propondo ao leitor uma reflexão acerca do processo de ensino/aprendizagem do português como língua estrangeira (PLE), considerado fundamental para inclusão social dos imigrantes haitianos.

Seguindo o modelo de Hebert Simon, Calvet (2007, p.22) distingue quatro fases para o planejamento linguístico: “diagnóstico de um problema; concepção das soluções possíveis; escolha de uma das soluções e avaliação da solução tomada”. É certo que as fases elencadas tratam do planejamento linguístico de uma língua e, talvez, não comportassem o objetivo dessa pesquisa. No entanto, acreditando que é possível fazermos uma política linguística de acolhimento aos imigrantes, em que a língua é tomada como meio de inclusão social, estaremos seguindo estas etapas. Primeiramente, através da apresentação do contexto histórico do Haiti e do processo de migração, buscarei identificar o “problema”. Corroborando com o entendimento de Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011, p.9), a Linguística Aplicada possui como enfoque o processo de ensino e aprendizagem de língua materna, “de modo que o objeto deste campo de

estudos, tal qual propõe Moita Lopes (2006), são *problemas linguísticos socialmente relevantes*.” Nesse sentido, se torna necessário trazermos as palavras de Rojo (2006, p.258):

[...] a questão é: não se trata de qualquer problema – definido teoricamente –, mas de problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico.

Isso posto, fica evidente que a situação na qual se encontram os imigrantes haitianos constitui um problema linguístico socialmente relevante.

Dando sequência a essa pesquisa, farei uma análise do acolhimento prestado aos imigrantes pela Prefeitura de Florianópolis. Ao final, apresento o projeto de PLE criado para auxiliar na inserção social desses imigrantes. Nesse caso, trata-se de refletir sobre a dimensão política da língua portuguesa como língua de inclusão e/ou exclusão social. Ao longo do trabalho será possível perceber que a ausência do conhecimento da língua portuguesa tem implicado na exclusão social desses imigrantes, de modo que muitos deles têm sido direcionados para trabalhar em locais que não necessitem de interação.

É certo que para a realização deste trabalho estou recorrendo a elementos teóricos, assim como embasamentos do legislativo brasileiro, contrastado com a realidade em que se encontram os imigrantes haitianos em Santa Catarina. Tal realidade foi verificada através do contato com os imigrantes durante as aulas ministradas por mim e, também, através de reportagens publicadas em diversas mídias – sejam elas eletrônicas ou impressas.

No que tange à metodologia adotada para a realização deste trabalho, é importante esclarecer que ela se deu em duas etapas. A primeira consistiu no levantamento de dados e de bibliografia teórica (história, legislação, processo de migração, elaboração de projeto, dentre outros): esta fase nós podemos chamar de “fase laboratório”. A segunda consistiu na mediação do projeto elaborado (PLE), reuniões com a EJA/PMF, visitas ao abrigo montado em Junho deste ano no ginásio Capoeirão, participação em eventos voltados aos imigrantes haitianos, reuniões com o grupo de políticas linguísticas (vinculados ao PPGLg/UFSC), dentre outros: esta etapa podemos chamar de “fase campo”. Ambas as fases foram atravessadas por leituras e reflexões teóricas sobre políticas linguísticas e a questão da migração.

Por fim, gostaria de ressaltar que as categorias apresentadas ao longo deste trabalho devem ser relativizadas, pois não é minha intenção discriminar nem generalizá-las. Como exemplo, destaco as categorias “haitianos” e “imigrantes”. Trata-se de um recurso generalista que utilizei para me referir às pessoas de ambos os gêneros com faixa etária distinta, mas que nasceram no Haiti. Embora o substantivo imigrante esteja sendo precedido por um artigo masculino, esta categoria diz respeito às pessoas de diferentes gêneros que emigraram do Haiti.

2. HAITI: UM LUGAR NA HISTÓRIA MUNDIAL

Os haitianos nascem no processo de resistência ao genocídio e ao etnocídio. São inventados no seio do Ocidente e jamais existem por si só. Seu vínculo com a metrópole francesa é constitutivo e as minorias significativas não conseguem se imaginar sem este alter ego. A entidade que os haitianos constroem diariamente se afasta do Ocidente sem jamais completar o corte do cordão umbilical, mas, no cruzamento de caminhos, tudo indica que se fabrica uma identidade e uma solidão em uma estrada sem saída (CASIMIR, 2012, p. 6).

Indicado pela *Fragile States Index 2015*¹ como o 11º país mais frágil do mundo, o Haiti tenta, nos dias de hoje, angariar forças para se reestabelecer após uma crise política, social e econômica que devastou o país. Contudo, para compreendermos os motivos pelos quais sua população tem peregrinado países afora na busca de uma vida melhor, torna-se imprescindível entendermos historicamente os conflitos que assolaram este país.

Antes de tudo, apresento abaixo, um quadro contendo alguns dados referentes ao Haiti:

Ficha Técnica
Nome oficial: República do Haiti (<i>République d'Haïti/Repiblik Dayti</i>).
Nacionalidade: haitiana.
Data nacional: 1º de janeiro (Independência da França).
Território: 27.750 quilômetros quadrados
Capital: Porto Príncipe.
Cidades principais: Porto Príncipe, Carrefour, Cap-Haïtien.
População ² : 9.996.731.
Idioma: francês e creole (oficiais).

Considerada a segunda maior ilha do Mar do Caribe, a República do Haiti foi habitada durante o período colonial por índios³ aruaques. Após a chegada do almirante

¹ Índice anual criado pelo Fundo para a Paz em associação com a revista americana *Foreign Police* para avaliar como os eventos políticos, econômicos e sociais pressionam os países em direção a um estado de fragilidade e turbulência.

² População estimada pela *CIA World Factbook* em 06 de julho de 2015.

³ Em referência à busca de Colombo pelas Índias.

Cristóvão Colombo (1492), ela acabou recebendo o nome de Hispaniola (nome usado até os dias de hoje), passando a ocupar a porção oriental do território. Com embarcações carregadas de tecnologias, soldados e armas de fogo, os espanhóis facilmente dominaram o território e acabaram escravizando os índios, que não possuíam “forças” para resistir:

Em 1492, Cristóvão Colombo chegou à ilha que os nativos chamavam de Quisqueia. Na época, ali viviam os povos arawaks e taínos, praticamente exterminados pelos conquistadores. Os franceses, à revelia dos espanhóis (que por decisão papal teriam a posse de toda a ilha), instalaram-se na porção ocidental da Hispaniola, a partir de meados do século XVII, e acalentavam o sonho de ocupar toda a ilha. Em 1697, os franceses recebem direitos sobre a área que ocupavam, reconhecidos no Tratado de Ryswick. A região era conhecida como Saint-Domingue e rapidamente assumiu a liderança na produção açucareira no Caribe, com base no trabalho escravo (VALLER FILHO, 2007, p. 142).

Com a chegada de Colombo, a região onde se encontra o Haiti acabou vivenciando diversas cenas de terror, tornando-se palco para o massacre de sua população e para o trabalho escravo de negros africanos trazidos pelo tráfico.

O período colonial também foi marcado por um longo processo de diálogos entre espanhóis e franceses, que resultou na assinatura do Tratado de Ryswick (1697). Com a assinatura desse Tratado parte da colônia Hispaniola, que inicialmente era território da Espanha, ficou sob o domínio da França. Da colônia espanhola originou-se a República Dominicana e da colônia francesa surgiu o Haiti⁴: a mais importante conquista dos franceses no continente Americano.

FIGURA 1: Divisão Colonial da Ilha Hispaniola



Fonte: Guia de Carreira

⁴ Inicialmente essa colônia recebeu o nome de *Saint Domingue*.

Com um solo fértil para o cultivo do açúcar, do cacau e também do café (produtos que não eram cultivados na Europa), os franceses acabaram incrementando a formação da lavoura na região e, em poucos anos, o Haiti acabou se tornando a colônia mais rica do Império da França, popularmente conhecida como a “Pérola do Caribe”⁵.

Mas, engana-se quem pensa que tudo no Haiti era prosperidade. Assim como aconteceu no Brasil, a economia haitiana acabou sendo sustentada pelo trabalho escravo, onde uma minoria de colonizadores franceses cada vez mais ricos exercia seu poder sobre uma maioria africana escravizada cada vez mais pobre, conforme ilustra o excerto abaixo:

Aí se desenvolveu, durante a conturbada época dos filibusteiros, a mais rica das colônias francesas do Novo Mundo, Saint-Domingue, a —pérola do Caribel, que prosperou, durante os séculos XVII e XVIII, com base na agro manufatura de açúcar, uma economia em que cerca de 40 mil plantadores reinavam sobre 30 mil pessoas de cor, mulatos de variados matizes, e sobre meio milhão de escravos negros transplantados do Daomé e do Senegal. (VALLER FILHO, 2007, p. 141).

Os motins organizados pelos escravos [escravizados], numericamente superiores aos colonizadores, começaram a se tornar cada vez mais frequentes de modo que, influenciados pela Revolução Francesa, acabaram se rebelando (1791) sob a liderança do ex-escravizado Toussaint L’Ouverture. Tal rebelião tinha como objetivo destruir tudo o que remetesse à dominação dos brancos, como os canaviais, os engenhos, as casas e os elementos que remetessem à ideia do opressor.

Em 1794, após a revolta dos escravizados, a França acabou declarando a abolição da escravatura em suas colônias, fazendo com que Toussaint passasse a apoiar as autoridades francesas. Aos poucos, a liderança do ex-escravizado foi crescendo e seu prestígio entre os brancos e os negros foi aumentando, até que em 1801 ele acabou se autoproclamando presidente do Haiti e, com isso, cuidou para que os ex-escravos retornassem às lavouras.

Entretanto, apesar do excelente resultado obtido com as revoluções e todo o seu sucesso inicial, Toussaint não permaneceu por muito tempo no poder do Haiti. Com a rejeição do governo da França face à proposta de independência, Napoleão Bonaparte ordenou que suas tropas reconquistassem a ilha e prendessem Toussaint - que mais tarde foi enviado para França, onde morreu em 1803:

⁵ Algumas referências trazem o nome de “Pérola das Antilhas”.

O discurso e o carisma do líder Toussaint L'Ouverture foram fundamentais para unificar os diferentes estratos sociais na luta pela emancipação. Em 4 de fevereiro de 1794, foi aprovado um Decreto abolindo a escravidão em Santo Domingo, reflexo do momento histórico que a França atravessava à época e L'Ouverture foi nomeado general. No entanto, após o episódio de 18 Brumário, Napoleão reacendeu os interesses da França pela colônia de São Domingos e enviou contingente de 50 mil homens para reprimir os movimentos. L'Ouverture organizou uma ampla resistência, mas acabou preso e conduzido à França onde morreu em 1803. (VALLER FILHO, 2007, p.142)

Jean-Jacques Dessalines – um dos generais de Toussaint – deu continuidade à rebelião dos escravizados e conseguiu expulsar as tropas francesas. Com o resultado positivo obtido, Dessalines proclamou a independência em 1º de janeiro de 1804 e desde então a colônia passou a se chamar Haiti, tornando-se a primeira República Negra das Américas e o primeiro país latino-americano a se declarar independente.

O processo revolucionário atingiu seu ápice em 1803, ano em que um contingente de 50 mil homens foi enviado por Napoleão Bonaparte para reverter a declarada independência. Com a derrota da França por tropas locais, a parcela da ilha sob domínio dos insurgentes foi batizada como Haiti. Instalado no poder, Dessalines se inspirou em Napoleão para criar um regime autocrático, auto-intitulando-se imperador com o nome de Jacques I. Em 1806, Dessalines foi assassinado por seus dois antigos aliados – Henri Cristophe e Alexandre Petión (VALLER FILHO, 2007, p.142).

Os anos posteriores à sua independência não foram nada fáceis para o Haiti. Além de ter passado todo o século XIX em crise e nunca ter conseguido estabilizar o seu governo⁶, o país estava prestes a iniciar uma Ditadura Militar. Em 1957, com a ajuda dos norte-americanos, o médico François Duvalier – mais conhecido como “Papa Doc” - foi eleito presidente do país.

Governando o Haiti num regime ditatorial baseado na repressão militar que vitimou seus opositores, inclusive a Igreja Católica, o novo presidente acabou desviando grande parte do dinheiro público para a corrupção, o que fragilizou ainda mais a economia local, que já estava debilitada por ter sido impedida pelos escravistas americanos e europeus de exportar seus produtos. Segundo Valler Filho (2007, p.145), o Papa Doc permaneceu no controle do país até ser assassinado em 1971, deixando o poder para seu filho Jean-Claude Duvalier – conhecido como “Baby Doc” - que deu sequência ao regime ditatorial instalado pelo pai.

⁶ Dos 20 governadores eleitos, 16 foram assassinados.

O regime militar e a corrupção instaurada pela família Duvalier não agradou a população, o que resultou no crescimento dos protestos populares. Não resistindo à pressão da população e temendo uma nova guerra civil, Baby Doc acabou fugindo para a França (1986) levando consigo “carregamentos de malas Louis Vuitton e milhões de dólares em suas contas em bancos suíços” (WIKIPÉDIA, 2015), agravando ainda mais a situação econômica do país.

Com o fim da ditadura, o Haiti realizou novas eleições presidenciais em 1990, elegendo com 67% dos votos o padre Jean-Bertrand Aristide como o novo presidente do país (VALLER FILHO, 2007, p.146). Porém, no mesmo ano, Aristides foi destituído do cargo através de um novo golpe, fazendo com que a ditadura fosse novamente imposta no país. Valler Filho (2007, p.146) ainda destaca que após este golpe, “os enfrentamentos cresceram significativamente, tanto no plano político quanto no social, agravados por um quadro econômico desalentador”. Com a deposição de Aristides, a ONU acabou impondo sanções econômicas ao Haiti para forçar o retorno do padre ao cargo de presidente, que aconteceu somente em 1994.

Embora tenha sido reeleito em 2000, Aristides não conseguiu minimizar os problemas econômicos do país e acabou fugindo para a África do Sul em meio a uma revolta popular. Com a fuga de Aristides, o presidente do Supremo Tribunal haitiano – Bonifácio Alexandre – assumiu o governo do país em fevereiro de 2004. Como primeiro ato, o novo presidente solicitou ajuda à ONU que, através do CSNU, “estabeleceu a Força Multinacional Interina – MIF e, em abril de 2004, o Conselho aprovou a Resolução 1.542 dando origem à MINUSTAH comandada pelo Brasil” (MORAES; ANDRADRE; MATOS, 2013, p.99) até os dias de hoje.

Após uma longa intervenção da ONU, Michel Martelly foi empossado como o novo presidente do Haiti (2011). O ex-cantor chegou ao cargo após mais uma crise que iniciou com o pleito presidencial de 2010. Quando ainda trabalhava como cantor, Martelly resumiu em poucas palavras quais seriam as primeiras medidas que ele tomaria se um dia deixasse de ser cantor para virar presidente do Haiti: “primeiro, eu consolidaria meu poder, que seria muito forte e necessário, e fecharia o Congresso⁷”.

⁷ Reportagem publicada pelo *The New York Times* no dia 28 de março de 2015.

Em 2015, quatro anos após o início do seu mandato, mais uma crise política atormentou o país. A exemplo do que tem acontecido pelo Brasil, na tentativa de reverter a crise que se alastra há mais de dois séculos, em janeiro deste ano milhares de manifestantes percorreram os bairros pobres da cidade de Porto Príncipe pedindo a renúncia do presidente haitiano. Desde que assumiu a presidência, Martelly vem governando o Haiti por decreto, concentrando todo o poder em suas mãos.

O cenário político do Haiti ainda sofre com os rastros deixados pelo período do colonialismo, fazendo com que os direitos humanos sejam deixados de lado em favor de regalias políticas:

Nicole Phillips, advogada do Instituto de Justiça e Democracia no Haiti, disse que embora o governo de Martelly tenha melhorado a infraestrutura e construído hotéis, ele reprimiu os ativistas dos direitos humanos e manipulou o Judiciário para beneficiar figuras próximas ao presidente. [...] “Desde que Martelly chegou ao poder, as instituições do Estado ficaram ainda mais enfraquecidas”, comentou Pierre Esperance, diretor da Rede Nacional de Defesa dos Direitos Humanos. “Não temos Estado de direito no Haiti.”⁸

O governo de Martelly pode ser resumido na entrevista concedida pelo estudioso do Haiti, Roberti Maguire, ao *The New York Times* no dia 28 de março de 2015: “Martelly criou um ambiente de corrupção, impunidade e abuso de poder”.

Desmotivados com o cenário atual do país, a população local planejou não participar das eleições parlamentares que aconteceram em agosto deste ano, por acreditar que, independente do resultado apresentado pelas urnas, nada iria mudar, pois a corrupção e o clientelismo já haviam dominado o governo.

Na semana que antecedeu as eleições, Sandra Honoré -chefe da Missão da ONU no Haiti- tentou interceder para que os eleitores comparecessem às urnas: "A participação de vocês em grande número e a decisão de dizer adeus a qualquer forma de violência é a ocasião de vocês demonstrarem que elegem definitivamente a paz e a democracia", disse em *kreyól* em vídeo divulgado na internet.

Por fim, é importante destacarmos que o Haiti transformou-se num país em que as desigualdades do seu passado acabaram alçando o presente, manifestando-se através de diversos aspectos: em questões raciais, de gênero, de escolaridade, na religião, de classe social e, até mesmo, de origem. A reflexão sobre os problemas enfrentados pelo

⁸ Reportagem publicada pelo *The New York Times* em 28 de março de 2015.

Haiti nos leva a um campo muito vasto, que ultrapassa os limites do alcance deste trabalho. Contudo, apesar de serem limitadas, as informações coletadas sobre o Haiti nos proporcionaram um panorama histórico e social que nos possibilita refletir sobre o atual momento deste país caribenho.

Tendo feita essa breve exposição histórica e política sobre o Haiti, a seguir apresentam-se os problemas ecológicos que assolaram o país e motivaram movimentos migratórios em massa.

2.1 DESASTRES ECOLÓGICOS E VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

Além de todos os entraves políticos que mencionamos anteriormente, a população do Haiti enfrentou vários problemas causados por desastres ecológicos. Antes de tudo, é importante destacarmos a distinção que Arraes (2013) faz entre desastre ecológico e desastre natural⁹, pois somente assim conseguiremos entender que os desastres que ceifaram o Haiti são de cunho ecológico, resultado de uma vulnerabilidade socioambiental. Em artigo publicado na revista *VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade*, Arraes (2013, p.3) destaca que:

O desastre em si não é natural, ele é o resultado da soma de dois fatores, a exposição (da população e de bens econômicos ao próprio evento físico) e a “vulnerabilidade socioambiental” que está estreitamente relacionada com o tipo de desenvolvimento econômico e social de uma determinada sociedade.[...] Logo, um desastre natural ocorre não pela vontade da natureza mas sim como o resultado de nossas próprias escolhas enquanto sociedade.

Como já exposto na seção anterior, os governos que sucederam a família Duvalier não foram tão bons quanto se esperava. Com o país cada vez mais endividado, a população desmatou quase que todas as suas florestas para investir no comércio de carvão, ou seja, “para desenvolverem sua economia, a maior parte das florestas do país foram desmatadas e os solos foram desgastados devido ao uso intensivo e não sustentável do mesmo (ARRAES, 2013, p.12)¹⁰”.

⁹ A distinção feita por Arraes (2013) entre desastre natural e desastre ecológico implica sabermos que as catástrofes não acontecem por vontade (naturalmente) da natureza, mas sim em resposta a uma vulnerabilidade socioambiental.

¹⁰ In: DIAMOND, Jared (2012). *Colapso*. Rio de Janeiro, Editora Record. P. 408

Sem as florestas, o Haiti acabou ficando mais seco, aumentaram os números de enchentes e o desgaste do solo piorou gravemente. Vivenciando uma crise econômica e com sua geografia destruída, a população começou a entrar em conflito fazendo com que o país começasse a viver um tremendo caos.

Durante o período em que tentava se reerguer da crise econômica e reconstruir seu país geograficamente, no dia 12 de janeiro de 2010, numa terça-feira, um gigantesco terremoto - que atingiu 7.3 graus¹¹ na escala Richter- agravou ainda mais a situação do Haiti, resultando em 250 mil feridos, 1,5 milhão de desabrigados e mais de 200 mil mortos. O terremoto aconteceu na cidade de Porto Príncipe, destruindo uma área urbana de aproximadamente 22 quilômetros.

Entre as vítimas do terremoto estavam alguns brasileiros que trabalhavam na Missão de Paz no Haiti¹², sendo 18 militares e três civis, dentre eles a médica Zilda Arns Neumann, coordenadora internacional da Pastoral da Criança e Luiz Carlos da Costa, o segundo civil mais importante na hierarquia da ONU no Haiti.

O terremoto agravou ainda mais os problemas sociais e humanitários do Haiti, fazendo com que grande parte da população passasse a viver nas ruas com medo de que um novo terremoto pudesse acontecer, fato que realmente aconteceu, no dia 20 de janeiro, a 60 quilômetros de Porto Príncipe. Esse terremoto acabou derrubando algumas construções que haviam ficado com suas estruturas danificadas em decorrência do primeiro tremor.

Com o aumento do número de vítimas, a água potável, a alimentação e os remédios acabaram não sendo suficientes para suprir a necessidade da população, o que resultou numa guerra civil em busca da sobrevivência. Ainda em 2010, um surto de cólera chegou ao país, resultando na morte de mais de 8.000 pessoas.

No ano de 2012, os furacões Issac e Sandy atingiram o país que vinha tentando se reerguer do terremoto, impactando fortemente a produção agrícola, que como já mencionamos, é a principal fonte de recursos econômicos. Até hoje, a situação ainda não se normalizou e a população haitiana ainda sente os efeitos causados pela falta de comida, água limpa e energia elétrica.

¹¹ A escala Richter vai de 0 que significa sem terremoto, até 10 que significa catástrofe natural.

¹² O Brasil é responsável pelo processo de pacificação no país, com pouco mais de 1.200 militares brasileiros ele comanda mais de 7 mil soldados da força de paz da ONU.

Assim sendo, a migração haitiana é resultado da soma dos entraves políticos com os desastres ecológicos. Como mencionamos ao longo deste capítulo, o período colonial do Haiti foi marcado por interesses políticos, desde a chegada de Colombo na ilha Hispaniola até sua divisão que originou os países da República Dominicana e do Haiti.

Após ter sofrido com a ditadura da família Duvalier, os haitianos iniciaram sua caminhada em busca da sobrevivência, de modo que a população viu-se obrigada a explorar seus recursos naturais o que acabou resultando nos desastres ecológicos, mencionados anteriormente. Com o país destruído e com a qualidade de vida afetada, assim como seus direitos humanos, os haitianos começaram a migrar para outros países, sendo um dos destinos o Brasil, conforme apresento no capítulo seguinte.

3. HAITIANOS: UMA NOVA HISTÓRIA NO BRASIL

Oxalá o Brasil assumira cada vez mais e verdadeiramente essa postura de receber pessoas que por várias razões, como visto, deixam seus países, suas origens, suas tradições, sua história e “aportam” em território brasileiro para a construção de uma nova vida. Que este país e este povo, caracterizado por uma enorme diversidade cultural, étnica, religiosa, etc., possa efetivamente adotar uma postura solidária e “não indiferente” em relação aos problemas que acometem outras pessoas que são banidas muitas vezes de seus respectivos lares. (GUERRA, 2008, p.295-296, grifos do autor)

Migrar é algo que faz parte da vida dos haitianos há pelo menos meio século. Desde a ditadura imposta pela família Duvalier que resultou numa enorme crise econômica, necessitando inclusive de intervenção da ONU, parte da população iniciou o processo de migração, levando mais de dois milhões de pessoas para países como: República Dominicana, EUA, Canadá, Guadalupe, Bahamas, Guiana Francesa, França, Cuba, Venezuela, dentre outros. Entretanto, a vinda de imigrantes haitianos para o Brasil teve seu início apenas no ano de 2010, após o terremoto que ceifou a cidade de Porto Príncipe.

Essa catástrofe natural agravou fortemente as condições de vida no país, impactando diretamente o mercado de trabalho, a educação e o poder público, além de dificultar o acesso à alimentação, às condições de higiene e à saúde, fragilizando ainda mais a economia do país. Pouco tempo após o primeiro terremoto que vitimou a brasileira Zilda Arns, o então presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva esteve na capital do Haiti e declarou apoio humanitário e disposição para acolher a população haitiana que desejasse migrar para o Brasil.

Antes de emigrar, os imigrantes haitianos precisavam verificar a legislação migratória do país escolhido como destino, que em sua maioria eram os desenvolvidos. Dos países da América do Sul, apenas quatro¹³ não exigiam o visto de turista para a entrada de estrangeiros em seu território.

Os motivos que levaram os haitianos a escolher o Brasil como destino ainda não são muito claros. Alguns pesquisadores sugerem que a presença do exército brasileiro no Haiti possa ter contribuído para propagar a ideia de que o Brasil é um país acolhedor

¹³ Argentina, Chile, Equador e Peru.

e de grandes oportunidades¹⁴, outros destacam a presença das ONGs brasileiras que estavam atuando de forma expressiva na ilha: Viva Rio, a *ActionAid*, a *K9 Creixell*, a Pastoral da Criança, a Diaconia, o GAPA, entre outras. Existem, também, os que mencionam o discurso do então presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, antes do Jogo da Paz¹⁵ como fator que influenciou a inclusão do país na lista de possíveis destinos:

Venho, enfim, participar de um encontro pela paz entre haitianos e brasileiros. O jogo entre a Seleção do Brasil e do Haiti permite que celebremos juntos a nossa paixão pelo futebol. Esperamos que este jogo possa se transformar em símbolo de nossa amizade e em estímulo para intensificarmos os contatos entre nossas sociedades. Muito obrigado. (BRASIL, 2004)

Mais tarde, o discurso de Lula viria a ser reforçado durante sua passagem pelo Haiti após o terremoto:

Vim ao Haiti para expressar a solidariedade brasileira com esse sofrido povo irmão. Quero reafirmar nosso compromisso em ajudar na reconstrução deste país, que tem dado provas de grande coragem e muita vontade de viver. Mais do que nunca, essa é a missão do Brasil no Haiti: ajudar o país a reencontrar o caminho do desenvolvimento. Esse é o sentido da nossa presença à frente da MINUSTAH. É por essa razão que estou aqui no Brabatt¹⁶, o orgulhoso batalhão brasileiro. (BRASIL, 2010)

Sobre os motivos que levaram à migração haitiana para o Brasil, Faria (2012, p.85-86) destaca que:

[...] as razões que deram início ao fluxo migratório do Haiti para o Brasil são imprecisas. Algumas hipóteses levantam que a participação do Brasil na força de paz no Haiti, através da MINUSTAH, tenha despertado o interesse pelo país. Outra hipótese é de que ante o fechamento da fronteira da Guiana Francesa – destino privilegiado dos haitianos na América do Sul – os mesmos foram impelidos a dirigir-se ao Brasil, onde esperam encontrar mais oportunidades de trabalho, dado seu crescimento econômico, às obras de infraestrutura com vistas à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016, à construção de hidrelétricas e ainda à repercussão midiática que vem adquirindo nos últimos anos.

Independentemente dos motivos, após o terremoto de 2010, os haitianos começaram a migrar para o Brasil. Em 2011, existiam indícios da presença de mais de 4.000 haitianos em território brasileiro, número este que cresceu rapidamente, chegando ao final de 2013 com mais de 20.000 imigrantes e segundo o Comitê Nacional para

¹⁴ Acredita-se que muitos imigrantes vieram para o Brasil por acreditarem que a realização da Copa do Mundo (2014) e dos Jogos Olímpicos de 2016 pudesse contribuir com ofertas de trabalho.

¹⁵ Partida de futebol realizada em Porto Príncipe, em agosto de 2004, entre as seleções do Haiti e do Brasil.

¹⁶ Batalhão de Infantaria de Força de Paz no 23º Contingente Brasileiro na Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti MINUSTAH.

Refugiados (CONARE¹⁷) esse número teria aumentado para 39.000 em setembro de 2014. Atualmente, segundo o Ministério da Justiça (MJ), 56 mil¹⁸ haitianos já emigraram para o Brasil, sendo que este número não para de crescer, pois sabe-se que mais de 1.800¹⁹ vistos estão sendo emitidos por mês para os novos imigrantes.

A vinda dos haitianos para o Brasil tem sido vista de forma negativa por parte da população brasileira, principalmente pelo enfoque que a mídia tem dado ao caso. Uma reportagem publicada pelo jornal *O Globo*²⁰, em janeiro de 2014, por exemplo, sugeriu que o serviço público de saúde das cidades de Brasília e Epitaciolândia (AC) – principal porta de entrada dos haitianos no Brasil – estaria entrando em colapso:

SÃO PAULO - A entrada em massa de haitianos no Brasil, só este ano 880 imigrantes já pediram refúgio ao país, tem causado impactos na oferta de serviços públicos em cidades como Brasileia e Epitaciolândia, no Acre, principais portas de entrada dos estrangeiros na fronteira com a Bolívia e o Peru. Atualmente, 1,1 mil imigrantes vivem em abrigos na região fronteira, o que tem levado as cidades a enfrentarem problemas como falta de infraestrutura e aumento das despesas municipais.

Em Epitaciolândia, além dos estoques de medicamentos terem diminuído, aumentou a sujeira nas ruas e praças, e o poder público tem lidado com brigas entre estrangeiros, sobretudo entre haitianos e senegaleses. Em Brasileia, o principal posto de saúde tem atendido, por dia, 70 haitianos para três moradores que procuram por ajuda. Na cidade, a situação de saúde dos haitianos, boa parte com problemas respiratórios, deixa o atendimento aos moradores da cidade “em segundo plano”. Na primeira quinzena deste ano, por exemplo, 480 haitianos já foram atendidos no principal posto de saúde.

Em contrapartida, a chegada dos novos imigrantes também surtiu efeitos positivos nas esferas públicas e civil, fazendo com que o governo e a população brasileira dessem início a um processo de “discussão da legislação migratória, introduzindo nos debates a visão do respeito aos direitos humanos dos imigrantes” (FERNANDES; CASTRO, 2014, p.13).

Atualmente, alguns especialistas afirmam que a vinda de imigrantes (refugiados) para o Brasil tende a aumentar, especialmente, após o discurso proferido pela atual

¹⁷ Órgão responsável por receber as solicitações de refúgio.

¹⁸ Reportagem publicada no site do Fantástico em 19/07/2015, disponível em <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/07/imigrante-diz-que-muitos-brasileiros-consideram-haitianos-como-escravos.html>. Acesso em 14/11/2015.

¹⁹ Fonte: Secretária Geral – Presidência da República. <http://www.secretariageral.gov.br/noticias/2015/agosto/19-08-2015-governo-federal-e-organizacao-ecumenica-debatem-situacao-de-imigrantes-haitianos-no-brasil> Acesso em 14/11/2015

²⁰ Disponível em <http://oglobo.globo.com/brasil/cidades-sofrem-impactos-da-romaria-de-haitianos-no-acre-11355638> Acesso em 14/11/2015

presidenta do Brasil em recente reunião na cidade de Nova Iorque (EUA) com representantes de outros países do G4²¹:

O Brasil é um país de refugiados. Meu pai era refugiado da Segunda Guerra Mundial, e tivemos sempre uma relação de abertura. Nós estamos de braços abertos para receber. Mesmo enfrentando as nossas dificuldades, isso não significa que no nosso País não caibam sempre mais pessoas. Nós somos um país continental, e para todos os refugiados que quiserem vir trabalhar, viver em paz, ajudar a construir o País, criar seus filhos, desenvolver e viver com dignidade, nós estamos de braços abertos.(BRASIL, 2015).

Tendo feita essa apresentação sobre a situação de migração dos haitianos para o Brasil, a seguir exploram-se detalhes dos percursos e do processo burocrático que envolve a situação dos haitianos.

3.1 A VIAGEM E O VISTO HUMANITÁRIO

De acordo com os dados levantados, os trajetos percorridos pelos haitianos para chegar ao Brasil são diversos (PATARRA, 2012, p.13). Um dos percursos indica a cidade de Porto Príncipe como ponto de partida, passando por Panamá, Equador e Peru até chegar à Tabatinga - no interior do estado do Amazonas. Outro percurso escolhido pelos haitianos tem como ponto de partida a cidade de Santo Domingo – capital da República Dominicana - passando por Equador e Peru até chegar à cidade de Brasília – no sul do estado do Acre. Dependendo do trajeto escolhido pelo imigrante, eles podem levar mais de um mês para chegar ao Brasil. Segundo Patarra (2012, p13),

[...]o processo de entrada desses imigrantes em território brasileiro é semelhante na quase totalidade dos casos. A viagem começa em Porto Príncipe ou na República Dominicana, e por via aérea chegam a Lima, Peru, ou em Quito, no Equador, países que não exigiam visto de entrada para os haitianos. Destas duas cidades partem por via terrestre em uma viagem que pode se estender por mais de um mês, ao longo do percurso eles vão alternando trechos percorridos em ônibus e barcos.

²¹ Grupo formado por Brasil, Alemanha, Índia e Japão.

FIGURA 2: Rotas de Haitianos para o Brasil.



Fonte²²: Senado Federal.

A escolha do trajeto depende de vários fatores: países que não exigem vistos para haitianos, mobilidade, menor percurso e, em alguns casos, do interesse de “coiotes²³” que já atuam neste trajeto (FARIA, 2012).

Após um longo trajeto percorrido para chegar ao Brasil, os haitianos ainda têm de enfrentar um processo burocrático para regularizar sua situação no território brasileiro.

Sendo o Brasil signatário das convenções sobre o acolhimento de refugiados, as autoridades na fronteira registram estas solicitações e as encaminha ao órgão competente: o Comitê Nacional para Refugiados – CONARE, do Ministério da Justiça, para análise. Enquanto aguardam a tramitação do pedido de refúgio, os imigrantes recebem uma documentação provisória (Cadastro de Pessoa Física – CPF e Carteira de Trabalho) que lhes permite circular pelo país na busca por trabalho (PATARRA, 2012, p. 14).

Primeiramente, eles precisam solicitar o refúgio perante a PF ou qualquer autoridade migratória nas cidades fronteiriças²⁴. Esse processo resulta na abertura de um

²² http://www.senado.gov.br/noticias/agencia/infos/rotas_de_haitianos_para_o_brasil/rotas_de_haitianos_para_o_brasil.html

²³ Denominação empregada aos indivíduos que atravessam emigrantes de forma ilegal.

²⁴ Grande parte dos imigrantes entra no Brasil pelas cidades de Tabatinga no Amazonas ou Brasiléia e Epitacolândia no Acre.

protocolo que permite a emissão de CTPS e CPF provisórios²⁵, enquanto o CONARE analisa a solicitação de refúgio com base na lei de nº 9.474, de 22 de julho de 1997, da Constituição Federal brasileira. Essa lei aborda a situação do refugiado no Brasil:

Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.

Conforme disposto no Art. 9ª da Lei nº 9.474, o CONARE “deverá ouvir o interessado e preparar termo de declaração, que deverá conter as circunstâncias relativas à entrada no Brasil e às razões que o fizeram deixar o país de origem”. Ocorre que o motivo apresentado pelos haitianos – migração impulsionada por desastres naturais, econômicos e sociais - não se enquadra no disposto pela lei brasileira, muito menos nas hipóteses de perseguição mencionadas na convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951²⁶ e pelo protocolo de 1967 da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR²⁷) - publicado oficialmente no Brasil em 1961 – que diz que:

[...] receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a sua residência habitual após aqueles acontecimentos, não possa ou, em virtude do dito receio, a ele não queira voltar.

Dessa maneira, o CONARE comunicou a situação dos haitianos ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg) que, instituído pela Lei nº 6.815, de 19 de agosto de

²⁵ Com estes dois documentos, os haitianos conseguem abrir contas bancárias e enviar dinheiro aos seus familiares que permanecem no Haiti.

²⁶ “Adotada em 28 de julho de 1951 pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, convocada pela Resolução n. 429 (V) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 14 de dezembro de 1950. Entrou em vigor em 22 de abril de 1954, de acordo com o artigo 43. Série Tratados da ONU, Nº 2545, Vol. 189, p. 137.”

²⁷ “As Nações Unidas atribuíram ao ACNUR o mandato de conduzir e coordenar ações internacionais para proteção dos refugiados e a busca por soluções duradouras para seus problemas (ACNUR)”. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/a-missao-do-acnur/> Acesso em 14/11/2015.

1980, lhes concedeu, por meio da RN nº 97, o visto humanitário de residência²⁸, permitindo que os imigrantes haitianos trabalhem e estudem no Brasil de forma legalizada:

Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.

Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

O visto humanitário é concedido aos haitianos pela Embaixada do Brasil em Porto Príncipe, com um limite de 1.200 vistos ao ano, totalizando cem concessões ao mês. O limite de concessões²⁹ imposto pelo governo brasileiro, contudo, não tem suprido a necessidade dos imigrantes, o que tem resultado na procura de rotas operadas por organizações criminosas.

Tendo em vista o crescimento de imigrantes que entraram de forma ilegal no Brasil devido ao limite de concessões impostas pelo governo, a CNIg revogou em abril de 2013 a RN nº 97/2012, fazendo com que, até o momento, não existam limites para concessão de vistos brasileiros para haitianos.

Segundo o secretário nacional de Justiça do MJ, o maior desafio enfrentado pelo governo brasileiro é o de evitar que os imigrantes se tornem vítimas de coiotes:

O nosso grande desafio, hoje, é transformar uma rota muito indesejada – de submissão de imigrantes a ‘coiotes’ e a organizações criminosas, e, portanto, submetendo-os a possíveis violações de direitos humanos – a uma rota que seja segura, que garanta tratamento humanitário, acolhimento e inserção social, laboral e cultural desses imigrantes ao Brasil (BRASIL, 2015).

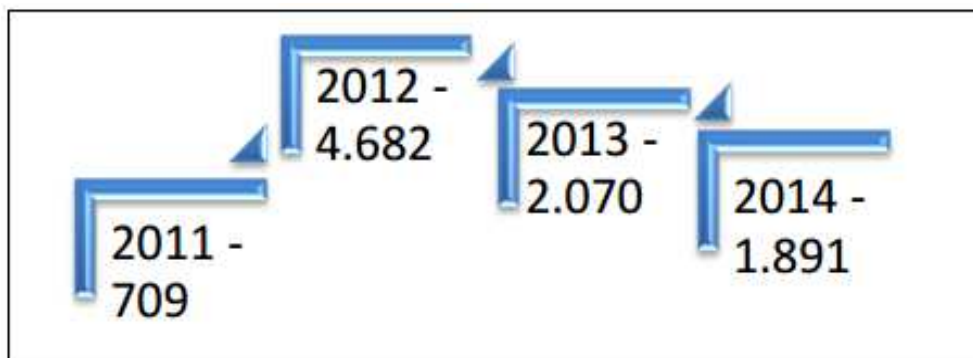
De acordo com o MRE, a Embaixada brasileira havia emitido até julho deste ano aproximadamente 26 mil vistos humanitários para imigrantes haitianos, sendo que 20 mil foram emitidos na cidade de Porto Príncipe e outros 6 mil na cidade de Quito. Para evitar que os imigrantes venham para o Brasil de forma ilegal, o CNIg aprovou por unanimidade a prorrogação da concessão de vistos até outubro de 2016.

²⁸ Após receber o visto emitido pelo MRE, o imigrante haitiano terá o prazo de até cinco anos para comprovar sua situação de emprego e residência no Brasil junto às autoridades migratórias brasileiras.

²⁹ Inicialmente a concessão de vistos humanitários terminaria em outubro de 2015.

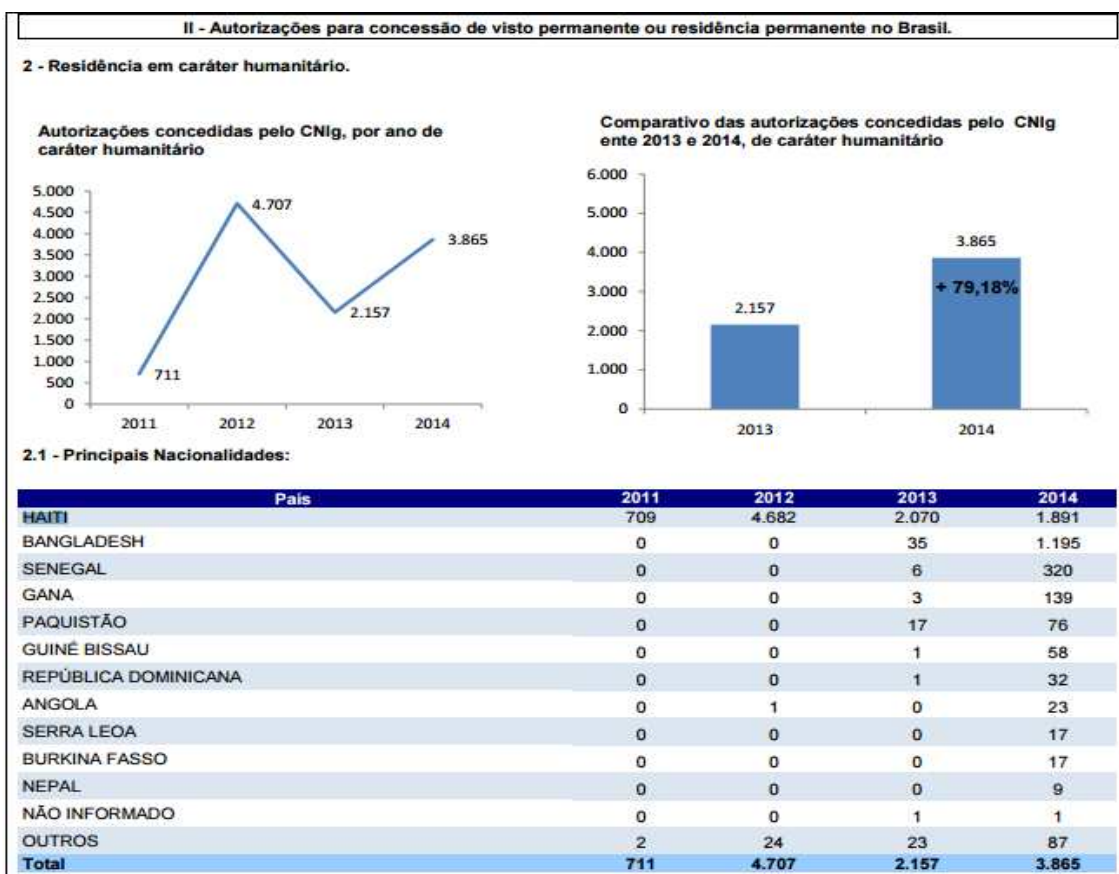
Abaixo seguem quadros explicativos sobre a autorização cronológica de vistos para haitianos, em relação com outras nacionalidades.

QUADRO 1: Autorizações para concessão de visto permanente ou residência permanente no Brasil para imigrantes Haitianos.



Fonte³⁰: CGIg/CNIg/MTE.

QUADRO 2: Concessões de vistos permanentes por nacionalidades.



Fonte: CGIg/CNIg/MTE.

³⁰ <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A4DA189CA014E1B5986AD3935/Relat%C3%B3rio%20CGIg%20-%202014%20-%20Final%20Completo.pdf>

Contudo, é importante destacarmos o fato de que o Estatuto do Estrangeiro – que ampara os imigrantes no Brasil – foi criado na época da ditadura militar. Embora o governo e a sociedade civil tenham se mobilizado para acolher os imigrantes, a falta de instrumentos legais e de uma política migratória adequada tem feito com que a chegada desses imigrantes se transforme numa situação única, o que tem impactado fortemente a sociedade brasileira. A necessidade de se atualizar o estatuto atenderia diversas demandas trazidas pelos novos imigrantes. Destaco a importância dessa atualização e que ela venha a atuar de forma crítica e não funcional, pois, além de prestar um acolhimento mais humanitário ela precisa despertar a reflexão da sociedade brasileira para esse tema, pois uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos haitianos (e também por outros estrangeiros) é a xenofobia. Muitos brasileiros ainda não conseguiram entender o real motivo da chegada de estrangeiros no Brasil. Existem alguns (que representam o poder público), por exemplo, que possuem a audácia de chamar os haitianos de “escória do mundo”:

Não sei qual é a adesão dos comandantes, mas, caso venham reduzir o efetivo [das Forças Armadas] é menos gente nas ruas para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e **tudo que é escória do mundo** que, agora, está chegando os sírios também. **A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver**³¹. (BOLSONARO, 2015, grifo meu).

Para combater este tipo de posição/avaliação, foi aprovado pelo senado federal um projeto de lei criado pelo senador Aloysio Nunes (PSDB/SP), com colaboração de Ricardo de Rezende Ferração (PMDB/ES) e da Secretaria Nacional de Justiça (SNJ). O texto trata da burocracia enfrentada por imigrantes oriundos de países em situação de vulnerabilidade, guerra, calamidades ou que apresentarem violação dos direitos. O texto final do capítulo primeiro - *Dos Princípios e dos Direitos dos Imigrantes* – Art. 3º diz que:

Art. 3º. A política migratória brasileira rege-se pelos seguintes princípios: I – universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos dos migrantes; II – repúdio à xenofobia, ao racismo e quaisquer formas de discriminação; III – não criminalização da imigração; IV – não discriminação quanto aos critérios e procedimentos de admissão de imigrantes no território nacional; V – promoção de entrada regular e de regularização migratória; VI – acolhida humanitária; VII – encorajamento da entrada temporária de imigrantes [...]

³¹ A declaração foi dada pelo deputado Jair Bolsonaro durante sua participação no I Workshop da Justiça Criminal, em Goiânia. Disponível em: <http://www.msn.com/pt-br/noticias/nacional/bolsonaro-chama-refugiados-de-esc%C3%B3ria-do-mundo/ar-AAeCfze?li=AAaB4xI>

Espera-se que, após publicação no Diário Oficial da União, o poder público assuma seu papel e faça sua parte no acolhimento prestado aos imigrantes e que os imigrantes não precisem mais ficar dependendo de ONGs para poder sobreviver em território brasileiro. Além de o legislativo assumir seu papel, também se espera que tal lei desperte a reflexão da população brasileira e que seja possível entender que os haitianos não vieram roubar o lugar de um brasileiro, menos ainda para serem considerados a “escória do mundo”, como mencionou a deputado Jair Bolsonaro (PP/RJ).

Salientamos que essa xenofobia se reflete fortemente nas apreciações e cobranças feitas em relação aos usos linguísticos dos haitianos. As discriminações sociais e raciais deslizam para as línguas, tornando a língua portuguesa uma “arena de lutas” políticas (VOLOSHINOV, 1929), conforme veremos a seguir.

Contudo, enquanto o poder público não assume seu papel, os imigrantes haitianos têm dependido de ações sociais para estabelecer residência no Brasil. Uma das principais entidades que trabalha com os direitos humanos dos imigrantes é a Cáritas³².

A Cáritas Brasileira tem desempenhado importante papel no acolhimento prestado aos imigrantes. Diante da indiferença do poder público frente à chegada de imigrantes (em estado de opressão), a Cáritas Brasileira tem trabalhado com um único objetivo: transformar. “Queremos que as pessoas excluídas, nos campos social, político e econômico, possam também escrever sua história e, ao mesmo tempo, ser atores e atrizes principais dela.³³” Dentro dessa perspectiva, o conhecimento da língua portuguesa é considerado fundamental para atingir este objetivo, visto que toda e qualquer interação humana necessita de uma língua(gem). Assim sendo, a Cáritas também tem oferecido aulas de português para que eles possam se incluir na sociedade brasileira. Parte-se do princípio de que, na medida em que os imigrantes dominarem o português brasileiro, eles conseguirão “assimilar” melhor a nossa cultura e os nossos hábitos, além de conseguirem expressar suas necessidades diante do processo de adaptação em nosso país. Portanto, fica evidente que a inclusão social dos imigrantes está condicionada ao domínio do PB e, conseqüentemente, seu uso social (interação).

³² “Nacionalmente, a Cáritas é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).” Disponível em: <http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico> Acesso em: 14/11/2015.

³³ Disponível em: <http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico> Acesso em: 14/11/2015.

4. HAITIANOS: O RECOMEÇO EM SANTA CATARINA

Como já mencionamos anteriormente, a vinda de imigrantes haitianos para o Brasil não é um processo novo, muito embora tenha se intensificado em 2010 - após o terremoto que destruiu a cidade de Porto Príncipe. Apesar de o CNIg ter divulgado a concessão de 1.891 vistos para haitianos, algumas pesquisas³⁴ apontam que o número de imigrantes residentes no Brasil superou a marca de 50.000 pessoas no ano de 2014.

Pessoas. Não (apenas) trabalhadores. Trata-se de um fluxo eminentemente masculino (aproximadamente 80% do total de imigrantes), jovem (a idade média dos homens é de 30,6 anos, e a das mulheres, 28,4), indocumentado (apenas 19,7% vieram ao Brasil já com o visto), recente (os primeiros registros de presença haitiana no Brasil são do final de 2010) e em expansão. (GAIRF, 2015, p.23)

A chegada dos haitianos em território brasileiro acabou despertando fortemente o interesse de empresas catarinenses. Segundo o presidente do CNIg – Paulo Sérgio de Almeida - "eles são absorvidos pelos setores da construção civil, frigoríficos, limpeza urbana e linhas de produção industrial em postos que os brasileiros não querem mais ocupar³⁵". A captação de mão de obra haitiana por empresas da região do Vale do Itajaí³⁶ – que resultou na vinda dos primeiros haitianos para SC – se tornou pioneira e acabou sendo adotada por empresas de outras regiões catarinenses.

Uma reportagem³⁷ publicada pela revista *Veja*, em fevereiro de 2014, apontou que, em média, três empresas catarinenses enviam profissionais para recrutar haitianos na cidade de Brasiléia, por semana. Para atrair os imigrantes, as empresas oferecem (além do traslado do AC à SC) moradia e alimentação durante os três primeiros meses subsequentes a data de contratação. Segundo o que apurou a revista *Veja*, os empresários enxergavam (e ainda enxergam) nos haitianos uma oportunidade de baratear seus custos, haja visto o fato de uma máquina capaz de substituir o trabalho manual custar cerca de 1 milhão de reais. Com o alto custo dessas máquinas e, também,

³⁴ FERNANDES, Duval (Coord.). *Projeto "Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral"*. Belo Horizonte: TEM/IOM-OIM/PUC Minas/GEDEP, 2014.

³⁵ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/sem-mao-de-obra-santa-catarina-importa-haitianos/>
Acesso em 14/11/2015.

³⁶ Balneário Camboriú, Itajaí e Navegantes.

³⁷ "Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos. – Concentração de frigoríficos e empresas da construção civil no oeste do Estado já atraiu mais de 900 haitianos que suprem a escassez da mão de obra na região".

com a rejeição de parte da população catarinense em ocupar determinados cargos³⁸, os empresários acabaram recorrendo à mão de obra haitiana. A citação abaixo ilustra o valor econômico conferido à mão-de-obra dos haitianos.

Segundo empresários da região, o custo de 2.000 reais por haitiano compensa pela escassez de mão de obra para trabalhar em frigoríficos e a economia com a automação da produção. Na linha de desossa de coxa e sobrecoxa de frango, por exemplo, uma máquina capaz de fazer o trabalho de até seis operários custa cerca de 1 milhão de reais e o investimento leva dez anos para ser revertido em lucro. "Temos também o crescimento da exportação para o mercado japonês, que exige perfeição dos cortes de carne, o que só pode ser feito com as mãos", diz Neivor Canton, vice-presidente da Aurora, que emprega 390 haitianos (VEJA, 2014).

Com a grande procura de empresas pela mão de obra haitiana, o MPT tem investigado desde 2013 a situação à qual os imigrantes têm sido submetidos. Segundo apurou o procurador-chefe do MPT, Marcos Cutrim, o processo de recrutamento realizado pelas empresas buscava um trabalhador que fosse: homem, com idade inferior a 38 anos, solteiro, sem filhos e com algum tipo de experiência profissional. Durante o processo, os recrutadores avaliavam desde o porte físico – espessura de suas mãos e de suas canelas – até o tamanho do órgão genital, que segundo eles confirmava uma maior ou uma menor disposição física para o trabalho.

A conduta repulsiva adotada por empresários catarinenses é apenas a ponta do *iceberg* da forma de acolhimento prestado aos imigrantes. O mesmo procurador-chefe que investigou os recrutamentos de haitianos concedeu uma entrevista³⁹ comentando sobre este assunto: “do ponto de vista científico não há embasamento nenhum [para esse tipo de requisito]. Parece que era uma mera vontade de discriminar e selecionar. O que se percebia é que os abrigos mais pareciam senzalas do século XIX. Eram os mesmos métodos de contratação.” A partir dessa citação, podemos indagar: como assim não existe embasamento científico? É óbvio, que não existe. Trata-se de uma forma preconceituosa de discriminar e selecionar imigrantes.

A conduta apresentada tanto pelas empresas quanto pelo poder público mostra o enorme despreparo das esferas públicas (federais, estaduais e municipais), privadas e civis no acolhimento prestado aos imigrantes. O “visto humanitário” concedido pelo

³⁸ De acordo com a pesquisa realizada, a maioria dos cargos rejeitados pelos brasileiros necessita de força e resistência física.

³⁹ *Largura de canela é requisito para haitiano ter emprego no país, diz MPT*. Entrevista concedida ao site G1, no dia 25 de maio de 2015.

Brasil, metaforicamente, parece ter se transformado num passaporte para uma nova era escravocrata.

Com o intuito de evitar que os imigrantes permaneçam à margem da população brasileira, diversas associações têm se mobilizado para prestar o acolhimento necessário aos imigrantes. Segundo dados extraoficiais⁴⁰, existem em SC atualmente cerca de 8 associações haitianas: Associação dos Haitianos de Santa Catarina, Associação Dos Haitianos Chapecó, Haitianos e Senegaleses em Chapecó-SC e Região, Haitianos em Brusque, Associação dos Haitianos e Amigos de Brusque, Associação dos Haitianos e Amigos de Itapema, Associação Dos Haitianos Navegantes, Associação Dos Haitianos Balneário Camboriú e Associação *Kay Pa Nou* (Florianópolis). Além das associações, existem outras entidades que também estão envolvidas no acolhimento e na defesa dos direitos humanos dos imigrantes, tais como⁴¹: Grupo de Apoio ao imigrante Refugiado em Florianópolis (GAIRF), Pastoral do Imigrante, Cáritas Regional SC, igrejas, Ação Social Arquidiocesana, Clínica Intercultural (UFSC), Vereador Lino Peres, Conselho Regional de Psicologia, Serviço de Assessoria Jurídica Universitária Popular (SAJU), Movimento Focolares, Departamento de Geociências (UFSC), Observatório das Migrações (UDESC), Coletivo Memória, Verdade e Justiça, Centro de Referência em Direitos Humanos Estamira Gomes de Sousa (CRDH/Florianópolis), dentre outras. Todas essas entidades atuam diante da falta de iniciativas do poder público.

Os dados expostos a seguir foram extraídos de um relatório produzido pelo GAIRF e apresentado em audiência⁴² pública realizada na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC), no dia 24 de junho de 2015. Os dados têm como objetivo apresentar as principais características da população migrante atendida pela Pastoral do Imigrante na Grande Florianópolis (composta pelas cidades de Florianópolis, Biguaçu, São José, Palhoça e Santo Amaro da Imperatriz), bem como, os encaminhamentos realizados e as principais demandas e desafios.

⁴⁰ Por não se tratar de órgãos privados, a localização das associações que prestam acolhimento aos imigrantes tornou-se difícil. Para este levantamento, recorremos às mídias sociais, principalmente ao *facebook*, alguns nomes foram surgindo através dos contatos que realizei com as associações.

⁴¹ *Entrevista com Cherry Clareans sobre Associação de Migrantes*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lyWuc_CNMQw Acesso em: 14/11/2015.

⁴² *Audiência discute a situação dos imigrantes haitianos e africanos em SC*. Disponível em: http://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia_single/audiencia-discute-situacao-de-imigrantes-haitianos-e-africanos-em-sc Acesso em: 14/11/2015.

QUADRO 3: Em relação à nacionalidade da população atendida.



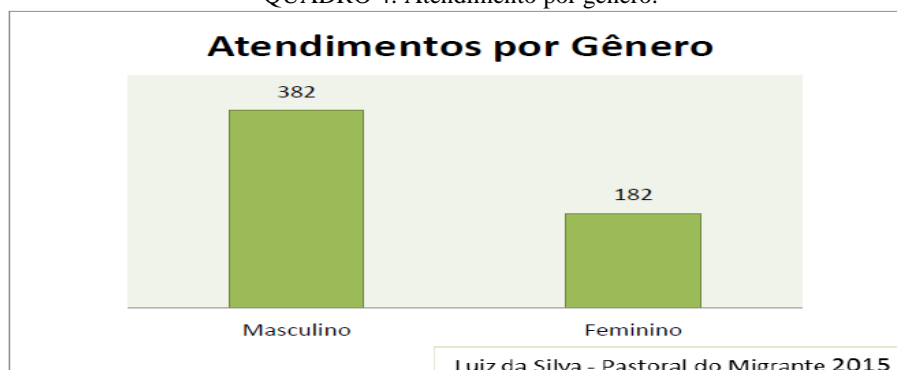
Fonte: GAIRF

Dos atendimentos prestados pela Pastoral do Imigrante, de Julho de 2013 até o primeiro semestre de 2015, 180 foram destinados aos haitianos, uma porção correspondente a 34% do total de atendimentos (564), ficando atrás, apenas, da Argentina, que totalizou 38%. A partir do gráfico apresentado, podemos perceber que o Haiti é o país fora do MERCOSUL que mais recebeu atendimento da Pastoral.

Segundo apurou o GAIRF, esses dados se contrastam com o interior do estado de SC⁴³, onde o número de imigrantes haitianos é bem maior. Desta forma, a Grande Florianópolis tem se tornado um ponto de passagem para os haitianos em SC, pois muitos destes que aqui chegam logo se deslocam para as cidades do interior onde as oportunidades de trabalho são maiores.

A seguir, apresenta-se um quadro que revela a distinção por gênero dos haitianos que chegam a Florianópolis, com grande predominância do público masculino.

QUADRO 4: Atendimento por gênero.

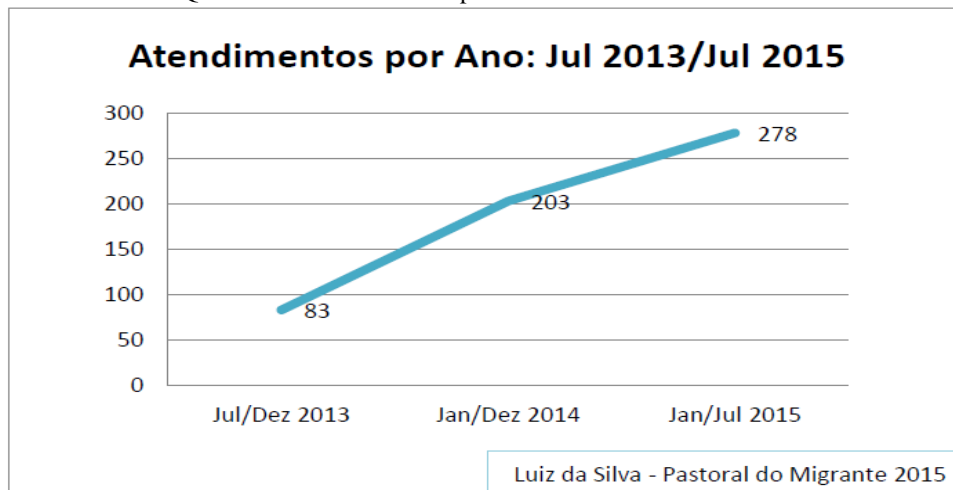


Fonte: GAIRF

⁴³ Região do Estado onde se localizam as maiores empresas contratantes de haitianos em SC: Aurora, Fibratex, Coppi, Imbrasul, Fibratex, dentre outras.

Corroborando com o tipo⁴⁴ de recrutamento realizado por empresas catarinenses, a população masculina foi a que mais recebeu o atendimento prestado pela Pastoral, totalizando 68% dos atendimentos. As mulheres ainda enfrentam dificuldades para conseguir se colocar no mercado de trabalho, mas verifica-se um crescimento expressivo da vinda de haitianas para SC, face às ofertas de trabalho proporcionadas por empresas catarinenses da indústria têxtil.

QUADRO 5: Atendimento por ano: Julho 2013/ Julho 2015.



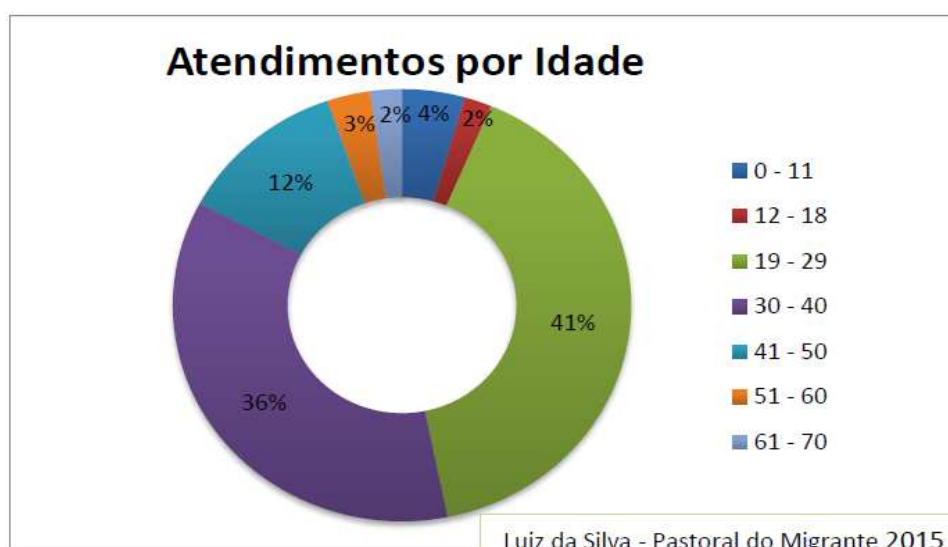
Fonte GAIRF

Na contramão da crise econômica enfrentada pelo Brasil, Santa Catarina projeta um crescimento de 1,5% no PIB, em 2015. Segundo Antonio Gavazzoni, secretário da Fazenda, “a projeção de crescimento em SC se mantém, principalmente, pelo aquecimento na economia previsto pelos investimentos do Pacto por SC”. O crescimento econômico projetado para 2015, somado às oportunidades de trabalho, tem atraído os imigrantes para nosso Estado. Segundo o GAIRF, “o número de novos cadastros, somente de janeiro a julho de 2015, superou o número total do ano de 2014”.

O quadro a seguir revela a distribuição dos imigrantes pela faixa etária.

⁴⁴ Nas pesquisas analisadas, foi identificado que parte do processo de recrutamento dos haitianos leva em consideração o porte físico, que segundo eles, indica uma maior pré-disposição ao trabalho pesado.

QUADRO 6: Atendimentos por idade



. Fonte GAIRF.

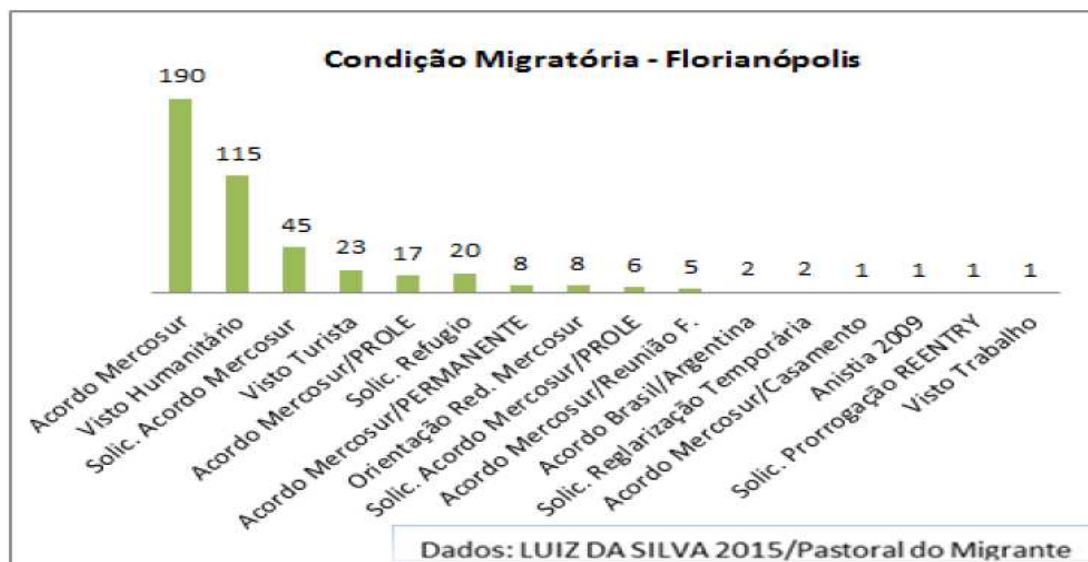
Em relação à idade, o maior número de imigrantes atendidos pela Pastoral possui faixa etária de 19 a 29 anos (41%) e de 31 a 40 anos (36%), que somados totalizam 77% da população de imigrantes atendidos. É importante destacarmos que esses dados refletem o processo de recrutamento aplicado por algumas empresas, na qual a idade limite para contratação é de 38 anos⁴⁵, considerada pelos empresários de “idade produtiva”.

A condição migratória por “visto humanitário” (de humanitário, somente o nome) traduz a realidade dos atendimentos prestados aos imigrantes. Atrás, apenas, do Acordo MERCOSUL, o número de imigrantes que solicitaram refúgio ao Brasil totaliza 115. É importante destacarmos que muitos imigrantes chegam à Florianópolis e sequer são orientados sobre quem procurar, o que realça a necessidade de uma política pública de qualidade para o devido acolhimento. De acordo com informações da Superintendência Regional do Trabalho, 2.259 haitianos (nem 10% da população atendida pela Pastoral) emitiram carteira de trabalho no Estado apenas em 2015. Deste

⁴⁵ Fonte: MPT e PG. *União é processada para assumir políticas migratórias. Ação pede ainda o combate ao tráfico internacional de trabalhadores haitianos e africanos e o pagamento de R\$ 50 mil por dano moral coletivo.* O MPT do Acre entrou com uma ação civil pública solicitando que a União assumira a responsabilidade por uma série de serviços prestados no acolhimento aos imigrantes “Na ação, o MPT pede que o governo federal passe a ser o responsável pela gestão financeira dos abrigos no Acre, atendimento médico aos estrangeiros que chegam doentes, transportes para as regiões que precisam mão de obra, além de ações para coibir a atuação de coiotes na via Interoceânica.”

número, 177 desembarcaram na capital catarinense entre o final de maio e início de junho do referido ano, número superior ao de imigrantes atendidos por “visto humanitário”. O quadro a seguir apresenta as características das migrações atendidas pela Pastoral, sendo que 115 pessoas receberam o visto humanitário.

QUADRO 7: Condições Migratórias por atendidos pela Pastoral.



Fonte: GAIRF

É preciso ser justo e dizer que a Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF), embora não estivesse (continua não estando) preparada para receber estes imigrantes, tem tentado prestar o acolhimento necessário aos imigrantes. Em maio de 2015, diante da chegada do grande número de haitianos na capital catarinense, a Secretária de Assistência Social do estado de Santa Catarina (SST/SC) concedeu uma entrevista na qual foram elencados os procedimentos iniciais adotados pelo poder público face à chegada de haitianos (e senegaleses) na capital catarinense:

Nós vamos atuar em três frentes. Na primeira delas, faremos esse acolhimento humanitário, que é levar para lá, hospedar e fornecer kits de higiene, por exemplo. A Secretaria da Saúde também está nos ajudando porque recebemos a informação de que eles não têm todas as vacinações, então vamos fornecer as doses necessárias.

Em um segundo momento, a nossa Secretaria de Estado promoverá a inclusão produtiva deles. Faremos um mapa com as capacidades de cada um, com experiência profissional ou estudos realizados, e encaminharemos para capacitação profissional e domínio da língua portuguesa. Nós temos um grupo de pessoas que já possui experiência com haitianos e se dispôs a nos

ajudar para que eles possam o mais rápido possível dominar o português. No cadastro, também providenciaremos inscrição no CPF e carteira de trabalho.⁴⁶

Contudo, apesar dos serviços prestados pelo poder público e pela sociedade civil, destaco que é extremamente fundamental que o governo⁴⁷ catarinense crie políticas públicas para acolher estes imigrantes. Prefiro não acreditar que o poder público catarinense tenha se esquecido de suas origens, de quem ajudou a construir nosso Estado e, prefiro menos ainda, supor que ele lembre apenas da parte branca e rica da história.

Sinceramente, me sinto envergonhado⁴⁸ quando vejo uma autoridade pública dizer que vai formalizar um protesto junto ao Ministério da Justiça (MJ) pela chegada dos haitianos na capital:

Esse não é um protesto contra as pessoas (imigrantes), mas sim contra a forma como o governo federal e o Estado do Acre estão agindo. O protesto é contra a transferência de responsabilidade ao município e também pela maneira como o governo federal e o governo do Acre expuseram os imigrantes, com absoluta falta de planejamento e sem qualquer comunicação oficial à prefeitura — afirmou Cesar Souza Junior, na nota.⁴⁹

Em nota publicada no jornal *Diário Catarinense*, o prefeito Cesar Souza Junior (PSD) manifestou sua indignação face à chegada dos imigrantes haitianos na capital. Segundo ele, o manifesto era contra o poder público que estaria transferindo a responsabilidade pela acolhida dos imigrantes. Senhor prefeito, perdoe-me. Transferindo ou não a responsabilidade, o fato é que a cidade não está preparada para receber imigrantes (que não sejam turistas). Onde estão as políticas públicas?

Confesso que quando li as reportagens divulgadas pela mídia me perguntei: se ao invés de haitianos (negros) os imigrantes fossem americanos (brancos, com prestígio) a tratativa seria a mesma? Guardo para mim minhas conclusões, mas desejo profundamente que outras pessoas também tenham se questionado e que, em um futuro não muito distante, não seja mais necessário que a mídia faça um “alarde” para que alguma iniciativa seja tomada.

⁴⁶ Entrevista concedida ao jornal Hora de Santa Catarina, em 24/05/2015. “Nosso povo é filho de imigrantes e precisa ser generoso com o tema”. Disponível em: <http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2015/05/nosso-povo-e-filho-de-imigrantes-e-precisa-ser-generoso-com-o-tema-diz-angela-albino-sobre-estrangeiros-em-sc-4767699.html> Acesso em: 14/11/2015.

⁴⁷ Quando menciono governo me refiro a duas esferas: estadual e municipal.

⁴⁸ A autoridade pública representa os interesses civis. O discurso adotado, sinceramente, não me representou.

⁴⁹ Notícia publicada no jornal Diário Catarinense em 24/05/2015 às 18h47. *Prefeito de Florianópolis irá formalizar protesto por chegada de haitianos.*

É claro que, quando menciono iniciativas e políticas públicas, estou me referindo à necessidade, ou melhor, à obrigatoriedade de incluirmos socialmente esses imigrantes. Não estou aqui reivindicando que o governo sustente essa população, pelo contrário, estou reivindicando que o governo crie condições para que eles possam se autossustentar, sem precisar se exilar – sim, exílio. Nesse sentido, me alinho às ideias de Angela Albino (PCdoB/SC):

É importante a gente frisar que, na verdade, o povo catarinense é quase na totalidade filho de imigrantes. Então precisamos [devemos] ter um olhar generoso. Eles estão em uma situação que o Brasil já viveu. Além do mais, **tem muitos setores da economia catarinense, como a construção civil, que não exige interação com o público**, que precisam de trabalhadores que os nossos já não se dispõem mais (grifos meus).⁵⁰

Talvez não fosse necessário grifar as palavras acima, mas depois de ler diversos comentários da população catarinense a respeito desse tema concluí que, ainda hoje, existem pessoas com um pensamento tão pré-histórico – alguns preferem chamar de “conservadorismo” – que ainda têm a audácia de dizer que não são xenófobos.

Se tomo a liberdade de expressar minha opinião sobre o tratamento conferido aos haitianos, é porque fui fortemente afetado pela experiência como professor de língua portuguesa para esses sujeitos. Minha experiência de estágio voluntário, junto à Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura Municipal de Florianópolis, será relatada a seguir. Trago, também, respaldo teórico para as discussões e avaliações feitas.

⁵⁰ Reportagem concedida pela Secretaria de Assistência Social ao jornal Hora de Santa Catarina, em 24 de maio de 2015. “*Nosso povo é filho de imigrantes e precisa ser generoso com o tema*”.

5. O PROJETO

Uma pesquisa realizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego - MTE (2013) revelou que uma das maiores dificuldades enfrentadas por imigrantes haitianos está relacionada ao desconhecimento da Língua Portuguesa, fato este que tem dificultado o processo de comunicação no país, assim como o acesso à saúde, ao emprego e à habitação. O quadro abaixo ilustra percentualmente essas dificuldades.

QUADRO 8: “Dificuldades enfrentadas pelos imigrantes haitianos no Brasil⁵¹.”

Situações	%
Idioma	56,5
Emprego	48,2
Habitação	42,1
Formação	30,6
Regularização migratória	22,4
Saúde	21,5
Discriminação	20,6
Segurança social	16,8

Fonte: MTE

É importante destacarmos que o idioma encontra-se no topo da lista de problemas enfrentados pelos imigrantes, apontado por 56,5% dos haitianos entrevistados. Em decorrência deste fator (idioma), certamente os demais também acabam surgindo. O que um imigrante, não falante do português brasileiro (PB), por exemplo, deve fazer ao passar mal? Claro que a resposta correta é procurar um médico. Mas, o que fazer durante a consulta? Desenhar, fazer mímicas? Como explicar ao médico o que ele está sentindo se ele não entende o PB? Eis um exemplo concreto que justifica a necessidade de uma política pública e de qualidade, que se preocupe além de acolhê-los, em incluí-los na sociedade. A relação entre língua e poder público é salientada abaixo:

[...] a relação entre língua e poder político se fortalece cada vez mais. As diversas línguas – ou variantes de língua – associadas a esse poder adquirem paulatinamente prestígio e esse prestígio torna-se fundamental quando o poder político começa a expandir-se a territórios nos quais se falam línguas ou variantes de línguas diferentes (RODRIGUES, 2008, p.50).

⁵¹ *Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral*. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A4AC03DE1014AE84BF2956CB6/Pesquisa%20do%20Projeto%200%E2%80%9CEstudos%20sobre%20a%20Migra%C3%A7%C3%A3o%20Haitiana%20ao%20Brasil%20e%20Di%C3%A1logo%20Bilateral%E2%80%9D.pdf>

A língua é, de fato, considerada um instrumento de poder e de construção de identidade. Infelizmente, ainda hoje, muitos brasileiros persistem em acreditar no “mito do monolinguismo” (OLIVEIRA, 2009) – a crença de que no Brasil só se fala PB. Cabe ressaltar, que o Brasil é um país heterogêneo, não só na cor, raça, gênero, cultura, dentre outros – mas também na língua. Ao acreditar que no Brasil só se fala o PB, estamos excluindo uma parcela da população, isto implica dizer, por exemplo, que os índios e os surdos não podem ser considerados brasileiros, pois são falantes de LIBRAS e de uma infinidade de línguas indígenas brasileiras, que não o PB. Por não se comunicarem em PB, essa população acaba ficando à margem da sociedade, vítimas de “estranhamentos” e, em alguns casos, são vistos como coitados.

A fim de contribuir com a problematização das práticas sociais da linguagem, torna-se essencial considerar “as visões de significado como lugares de poder e conflito, que refletem os preconceitos, valores, projetos políticos e interesses daqueles que se comprometem com a construção do significado e do conhecimento” (MOITA LOPES, 2006, p. 103).

Diante dessa situação, buscou-se ao longo de 2015, elaborar um projeto de Português como Língua Estrangeira (PLE) que proporcionasse a principal ferramenta de inclusão social: o acesso à língua (PB).

5.1 DOS ENCONTROS E DESENCONTROS

Inicialmente, a intenção do projeto era conhecer os imigrantes para, posteriormente, averiguarmos quais as dificuldades encontradas por eles em relação ao novo idioma (PB) e às práticas comunicativas cotidianas. Para que isso fosse possível, recorri à Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF), mais precisamente à Gerência de Educação Continuada, vinculada a EJA. Meu primeiro contato foi com o senhor João⁵², que prontamente me acolheu e escutou minha proposta de pesquisa⁵³.

⁵² Pseudônimo utilizado para garantir o sigilo da verdadeira identidade.

⁵³ A proposta apresentada ao senhor João foi a de averiguar as políticas públicas de educação oferecidas aos imigrantes, se elas eram críticas ou apenas funcionais.

Durante nossa primeira conversa, ele acabou me relatando suas preocupações quanto à proposta que havia lhe feito: “temos receio de a Universidade nos utilizar apenas como um campo de pesquisa, precisamos de pessoas que estejam dispostas a colaborar.” Diante de seu relato, eu o convidei para participar de uma reunião com o grupo de pesquisas em políticas linguísticas (SEVERO et al., projeto de extensão, 2014-2016), convite que foi aceito por João.

Um segundo encontro entre nós, aconteceu nas dependências da UFSC (CCE-DLLV). Nesse momento, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco das experiências vivenciadas em Curitiba - em conversa via Skype com uma professora de PLE para haitianos naquela cidade - frente à chegada de imigrantes haitianos na capital paranaense, assim como, os desafios enfrentados por eles.

Em um terceiro encontro⁵⁴, foi proposta a elaboração de um projeto conjunto para formarmos multiplicadores, através de uma parceria entre UFSC e PMF. Este projeto teria como objetivo formar pessoas (sociedade civil e privada) que tivessem interesse em lecionar o PLE para os imigrantes de forma voluntária. Desta conversa, foram delineadas algumas compreensões para que fosse formalizada uma parceria em prol dos imigrantes:

- o curso de língua portuguesa teria como objetivo oportunizar o conhecimento da língua contextualizado às práticas sociais do cotidiano em que os imigrantes estão envolvidos e, também, o de possibilitar o acesso aos serviços disponíveis na cidade, em outras palavras: língua portuguesa seria vista como uma ferramenta de inclusão social;

⁵⁴ Preciso registrar que após este encontro havíamos combinado uma nova data para continuarmos a elaboração do projeto, entretanto, a SME não compareceu e, tampouco, justificou sua ausência. Com a pesquisa em andamento, começamos a buscar alternativas para elaboração deste trabalho face ao descaso da SME. Curioso ressaltar que quando a imprensa anunciou a chegada de novos imigrantes em Florianópolis, a SME nos procurou para dar continuidade ao projeto, o que nos leva a acreditar que não havia um engajamento do poder público pela causa migratória, e que, em vista de oferecer uma resposta às notícias que estavam sendo divulgadas na mídia, A PMF nos procurou para “dizer” que estavam trabalhando na inclusão social dos imigrantes.

- a oferta de um curso para multiplicadores voluntários, mobilizados por ambas as partes (SEVERO et al., projeto de extensão, 2014-2016/UFSC e EJA/PMF)⁵⁵, por meio de extensão certificada pela UFSC;
- a organização do espaço para as aulas oferecidas aos imigrantes, sob responsabilidade da SME;
- a formação das turmas (matrícula realizada pela SME), com articulação pedagógica oferecida pela SME;
- a formação dos professores voluntários oferecida pela UFSC;
- a construção de um campo de estágio para alunos da UFSC nas turmas já em funcionamento, com supervisão e articulação pedagógica da SME e formação continuada pela UFSC;
- a certificação do curso de multiplicadores e da formação continuada pela UFSC;
- a certificação dos professores que atuariam nas turmas de imigrantes pela SME
- a certificação dos imigrantes pela SME.

No quarto encontro envolvendo UFSC e PMF, participaram além dos envolvidos na última reunião, a responsável pela Gerência de Educação Continuada (SME), a professora titular da turma de haitianos e outra voluntária. Nesse momento foram apresentadas as experiências das pessoas que já estavam trabalhando com os imigrantes. A professora da SME lecionava em duas turmas (Coqueiros e Centro) e a voluntária lecionava em uma igreja. Após as apresentações, mais uma vez solicitamos que fôssemos colocados em contato com os haitianos, pois, para nós, não poderíamos estar debatendo nada sobre eles sem dialogar com eles. Após muita insistência e com o apoio da responsável pela Gerência de Educação Continuada, nosso pleito foi aceito e um encontro foi marcado com uma turma de haitianos na EBM Almirante Carvalhal, em Coqueiros.

⁵⁵ Até a finalização deste trabalho, apenas a UFSC mobilizou voluntários. Em momento algum fomos procurados pela PMF para formarmos multiplicadores que não fossem os que a UFSC havia sugerido (Cristian Edevaldo Goulart e Ana Cláudia Vicente Demétrio).

Estávamos, naquele momento, diante de um desafio coletivo, cujo principal objetivo, além de possibilitar aos imigrantes o acesso à língua (PB) e, conseqüentemente, sua inclusão social, era o de criarmos uma política pública permanente que pudesse atender estes imigrantes e que eles não precisassem mais depender de ações voluntárias e, tampouco, fossem excluídos da sociedade por não conseguirem se comunicar utilizando o PB.

5.2 O PRIMEIRO CONTATO COM A TURMA DE HAITIANOS

O primeiro contato com os imigrantes haitianos (enquanto alunos) aconteceu na escola Almirante Carvalhal –Coqueiros/Florianópolis- no dia 09 de julho. Participaram desse encontro: três alunos⁵⁶ da UFSC, a professora titular da turma de imigrantes e o representante da SME. Em um primeiro momento, nos foram apresentadas as estruturas da escola, assim como o cardápio nutricional oferecido pela EJA aos alunos⁵⁷. Em um segundo momento, tivemos a oportunidade de conversar com a professora titular da turma de haitianos e apresentar nossa proposta para a aula daquela noite, a qual foi aceita e colocada em prática.

A aula iniciou por volta das 19h 30min com a professora titular e o representante da SME nos apresentando⁵⁸ à turma. Em seguida, cada um dos presentes teve a oportunidade de se apresentar e falar um pouco do seu trabalho, assim como do objetivo de estarmos ali naquela noite. Como a turma era composta por imigrantes do Haiti e da República Dominicana, acabamos contando com o auxílio de um aluno haitiano que traduzia simultaneamente nosso discurso para os demais alunos que ainda não se comunicavam em português.

Realizadas as apresentações, solicitamos que a turma fosse dividida em três grupos, pois necessitávamos conhecê-los um pouco melhor e, também, saber quais eram

⁵⁶ Além de mim, participaram alunos vinculados ao projeto de extensão. (SEVERO et al., projeto de extensão, 2014-2016)

⁵⁷ Todos os alunos que participam da EJA, tanto imigrantes quanto “regulares”, recebem alimentação na escola. Ao longo das aulas foi possível perceber que muitos alunos frequentam as aulas não só para aprender PLE mas também pela alimentação oferecida face ao estado de vulnerabilidade em que se encontram.

⁵⁸ Fomos apresentados como a “nata” de Florianópolis. O representante da SME frisou que os alunos estariam muito bem amparados por nós.

suas expectativas para o curso que lhes seria ofertado. A partir da conversa realizada naquela noite conseguimos elencar algumas percepções:

- A turma era composta por aproximadamente 30 alunos, entre homens e mulheres;
- A turma mostrou-se muito heterogênea, tanto no que tange à faixa etária dos alunos quanto no aspecto cultural. A maioria dos homens mostrou-se um tanto machista, sendo que alguns chegaram a mencionar que “desejavam aprender português para conquistar as mulheres brasileiras”, o que gerou certo desconforto nas imigrantes que ouviram esse discurso;
- A maior angústia deles era conseguir um emprego que lhes dê alguma segurança. Alguns desejavam trazer filhos que deixaram “para trás”, outros desejavam mandar dinheiro para lá. Muitos já moraram na República Dominicana e isso lhes daria esse "*know-how*"⁵⁹ de como viver em outra cultura;
- Percebemos a necessidade de dividir a turma. Muitos já falavam e/ou escreviam em português, outros nunca tiveram contato com o PB. A forma como as aulas estavam sendo conduzidas implicava na evasão dos alunos, pois não atendia à necessidade deles. O ideal, para nós, seria elaborar um projeto que acolhesse todo esse público, organizando em “níveis” de conhecimento da língua: básico, intermediário e avançado;
- Dos que não sabiam falar/escrever, a maior demanda colocada por eles seria aprender o “básico” para conseguirem se comunicar (trabalho, amigos, etc.). Referente aos que já estavam no Brasil há algum tempo, a necessidade seria aprimorar⁶⁰ o que eles sabem. Eles falaram claramente que gostariam de aprender melhor a gramática, pois “o português é cheio de regras”. A dificuldade deles seria evitar a mistura de línguas;

⁵⁹ *Know-how* é um termo em inglês que significa “saber como”.

⁶⁰ Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011) mencionam a metáfora do *iceberg*, onde os eventos de letramento seriam a ponta do *iceberg* e as práticas de letramento seriam a base, ou seja, cabe ao professor trabalhar para alargar as bases. Mais adiante explicaremos melhor esses conceitos e suas implicações.

- Muitos imigrantes possuem curso superior incompleto: medicina, filosofia e direito; alguns deles trancaram seus cursos para virem ao Brasil na esperança de concluir o curso aqui, embora, naquele momento, não fosse a prioridade deles;
- A maior necessidade deles, posta pelos haitianos, é conseguir se comunicar para poderem reconstruir sua vida aqui;
- No final da aula, sugeri que cada um fosse até o quadro e escrevesse uma frase sobre o que eles achavam do Brasil ou sobre o que vieram buscar aqui. Todos fizeram a tarefa. A partir das frases pude perceber que todos sabem escrever em português (não fiz o teste pra saber se eles conseguem ler, segundo o que eles me disseram: alguns não), embora apresentem dificuldades “estruturais”, como aspectos de sintaxe e morfologia, confundindo artigos masculinos com femininos, conjugação de verbos e acentuação. Considerando que nosso enfoque era a língua como prática social, não nos ativemos a esses aspectos formais, mas à manutenção da prática interacional;
- Pude, também, perceber que os haitianos estão muito abertos a tudo o que lhes for proposto, pois, de fato, existe desejo, necessidade e vontade de aprender o PB.

Diante do cenário em que estão os imigrantes haitianos, evidenciados pelos itens resumidos acima, buscou-se, ao longo do ano de 2015, elaborar um projeto que atendesse às suas reais necessidades comunicativas, tanto para os que já conseguiam se comunicar em PB quanto para os recém-chegados na capital catarinense.

O projeto foi elaborado no primeiro semestre de 2015 e mediado/implementado entre os meses de agosto e novembro de 2015.

5.3 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROJETO

A seguir, apresento as informações sobre o projeto de ensino de língua portuguesa aos haitianos.

Título: ⁶¹Português como Língua Estrangeira – a língua como interação social.

Local: Escola Básica Almirante Carvalhal - Rua Bento Góia, 113 - Coqueiros, Florianópolis – SC.

Público alvo: imigrantes estrangeiros.

Duração do curso: agosto/2015 a novembro/2015.

Duração das aulas: Quintas e sextas-feiras. Início às 19h 30min com intervalo de 20min e término às 21h 30min.

Conforme disposto no Art.97, da Lei Nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, “é assegurado ao imigrante estrangeiro à matrícula em estabelecimento de ensino”. No entanto, como já mencionamos, a atual realidade desses imigrantes aponta para um cenário no qual eles chegam ao Brasil sem o conhecimento necessário de nossa língua oficial: o português, o que tem gerado uma enorme dificuldade para sua inclusão social.

É importante destacar que a elaboração desse projeto ganhou força após constatarmos que a cidade de Florianópolis não possuía nenhuma política pública de educação voltada para o acolhimento de imigrantes que estavam sendo deixados à margem da sociedade brasileira. O projeto foi uma iniciativa minha e contou com a colaboração de alunos vinculados ao Programa de Pós Graduação em Linguística da UFSC (SEVERO et al., projeto de extensão, 2014-2016) em parceria com a Secretaria Municipal da Educação de Florianópolis.

Diante do exposto, a proposta de realização de um projeto que tenha como eixo central o ensino de LP para imigrantes mostra-se coerente e pertinente quando analisada dentro das seguintes perspectivas:

⁶¹ Destaca-se que durante as primeiras aulas o projeto possuía apenas a minha participação como professor, o que nos impossibilitou de dividir as turmas (básico e avançado) conforme o planejado, fato que veio a acontecer somente no final do mês de agosto, quando outra professora assumiu a turma de nível “avançado”. Diante ao exposto, o projeto que será apresentado neste trabalho foi aplicado para alunos do nível “básico”.

- *Primeira perspectiva*

Inicialmente o projeto sustenta-se naquilo que é papel fundamental da escola, enquanto instituição responsável por mediar os saberes historicamente construídos. Com base nessa visão, este projeto buscou instrumentalizar os imigrantes para que eles não fossem lançados à margem da sociedade brasileira. Sabe-se que a situação de vulnerabilidade em que se encontram os haitianos (negros, pobres e imigrantes) resulta numa série de implicações, dentre elas a xenofobia. Portanto, caberia à escola articular o ensino da língua portuguesa à formação da cidadania⁶². Ressaltamos que, ao meu ver, não há legislação educacional brasileira eficaz que trate do ensino de português para alunos estrangeiros. Com isso, tivemos que ajustar as concepções circulantes de língua, como prática social contextualizada, ao ensino de português. Não é o objetivo dessa pesquisa analisar e problematizar os conceitos e materiais didáticos usados no Brasil para ensino da língua portuguesa para alunos estrangeiros, especialmente para haitianos. Mantivemos o foco em descrever de forma reflexiva o percurso que levou à construção de um projeto de ensino de língua portuguesa como instrumento de inclusão social a partir de uma articulação entre academia e poder público. Tal articulação surgiu como fruto de um interesse meu pelo trabalho envolvendo os haitianos. Para tanto, a compreensão da realidade que envolve esses sujeitos se fez fundamental. O enfoque dado, portanto, é das políticas linguísticas e não da linguística aplicada ao ensino de PLE.

- *Segunda Perspectiva*

A segunda perspectiva do projeto parte da observação, leitura e análise daquilo que, na maioria absoluta dos casos, têm-se como pré-requisito para a obtenção de um lugar no mercado de trabalho: atestar se o futuro ocupante ao cargo possui domínio da língua oficial brasileira. Esse pré-requisito linguístico, como vimos, é central na demanda apresentada pelos haitianos e pelo contexto trabalhista. Como mencionamos anteriormente, ocorre que, por não conseguirem se comunicar utilizando o PB, os

⁶² A articulação do ensino de LP à formação da cidadania tem como base a pedagogia crítica de Paulo Freire (1970), onde a LP deve fazer parte de uma educação emancipatória.

imigrantes são recrutados por empresas do interior do Estado, onde o trabalho, na maioria dos casos, é braçal.

É importante destacarmos que, em Santa Catarina, as empresas Intelbras, Ibagy Imóveis e Resultados Digitais, eleitas pela pesquisa do instituto norte-americano *Great Place to Work* (GPTW) como as melhores empresas para se trabalhar, possuem como parte do processo seletivo de novos colaboradores a aplicação de uma “prova técnica” na qual é averiguado o domínio da norma padrão da língua através de uma redação produzida pelos candidatos. Essas avaliações e provas nos sinalizam para o conceito de língua portuguesa em questão. Muitas vezes, a ideia de língua centra-se em domínio de aspectos gramaticais e lexicais. O conhecimento da gramática, como veremos, também foi uma demanda forte por parte dos alunos. Muitos deles aprenderam uma língua estrangeira a partir do percurso pessoal de aprendizagem escolar da língua materna centrada em gramática e léxico.

Outro fator importante a ser levado em consideração é o aumento de vagas em concursos públicos, o que tem crescido a cada ano, de modo que, assim como no processo seletivo de empresas privadas, o concurso público possui como pré-requisito o domínio da norma padrão. Embora as avaliações de língua portuguesa tenham atuado com conceitos de língua contextualizada, as percepções de norma padrão ainda são muito fortes nas avaliações sociais. Renan Luiz Freitas, mestre em ciências da linguagem e professor de Língua Portuguesa do Colégio Militar do Recife, em seu artigo *Gramática Normativa: há ainda razões para ensiná-la?* ressalta que:

Partindo da análise de duas provas de Português de dois concursos públicos diferentes, aplicadas no ano de 2009, discute-se o ensino de gramática normativa e estrutural na formação básica e as concepções de língua e gramática que consubstanciam tais provas. Evidencia-se que, nos referidos testes, destacam-se duas posturas bem dicotômicas, observando-se, por um lado, um tradicionalismo apegado ao conhecimento das regras e da estrutura da língua em níveis bastante complexos, e, por outro, abordagens linguísticas e sociolinguísticas da atualidade. Ou seja, o “normativismo” e a “gramatiquice” acientífica em um extremo, e a língua em suas práticas sociais em outro (FARACO, 2008). Intenta-se destacar que, **em determinados contextos de ensino, faz-se necessário um currículo também voltado para a aplicação dos pilares da gramática normativa;** [...] (FREITAS, p. 1, grifo nosso)

Isso posto, retomo nesse momento a metáfora do *iceberg* apresentada por Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011, p.49) no livro-texto de Linguística Aplicada: “Se, como propõe Hamilton (2000), considerarmos os eventos de letramento como sendo a

ponta do “iceberg” – o que tem visibilidade –, e as práticas de letramento como sendo a base do *iceberg* – ancoragem submersa e não visível [...]”, entenderemos que através da ponta do iceberg o professor conseguirá alargar sua base, ou seja, esse projeto possui a intenção de possibilitar ao imigrante haitiano não só sua inclusão social, mas também sua mobilidade pela sociedade brasileira, de tal modo que a língua é considerada fundamental nesse quesito. Contudo, a intenção desse projeto é a de alargar as práticas sociais dos imigrantes haitianos, de modo que eles consigam utilizar a língua portuguesa em diversas esferas da sociedade, seja em contextos mais formais ou contextos informais. Trata-se de considerar a língua como uma prática social e não como uma realidade abstrata e homogênea.

- *Terceira Perspectiva*

Esta perspectiva faz-se presente pelo fato de o ensino de português para os haitianos ter sido alocado no interior do programa da PMF de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Para uma definição de EJA, tem-se:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade específica da Educação Básica que se destina à inclusão escolar de um público que, por motivos diversos, foi **excluído da educação durante a sua infância ou adolescência** devido à falta de vagas nas instituições de ensino, em virtude das **inadequações do sistema de ensino e também pelas condições socioeconômicas desfavoráveis**. (APOSTILA DO CURSO DE JOVENS E ADULTOS, p. 2, grifos meus)

Entendemos que, diante dessa realidade, este projeto mostra-se especialmente capaz de apresentar conhecimentos que não foram absorvidos por esse imigrante que histórica e socialmente está à margem do ensino formal brasileiro e que, principalmente, vê no português uma ferramenta de inclusão e ascensão social. Em tempo, precisamos mencionar o fato de que a EJA não exige comprovação de escolaridade durante a matrícula, fato que contribuiu para que presenciássemos a infantilização⁶³ do ensino de LP. É importante mencionarmos que a EJA foi a porta de

⁶³ Em uma conversa com a professora titular da turma, nós apresentamos o plano de aula para aquela noite: assistir o filme *Iracema*. Para nossa surpresa, a professora titular foi contra a proposta apresentada, sob justificativa de que o filme era muito complexo para que os alunos pudessem compreendê-lo. Em contrapartida, ela sugeriu que trabalhássemos com o filme *Rio*, pois a linguagem seria mais acessível para eles. Diante desse acontecimento, destacamos a necessidade de uma hibridização entre os letramentos local e global (RODRIGUES, CERUTTI-RIZZATTI, 2011), pois não podemos furtar o direito do aluno de ter sua mobilidade social, ou seja, se a linguagem apresentada pelo filme *Iracema* não faz parte do contexto social em que os alunos estavam naquele momento, cabe ao professor trabalhar para que essa mesma linguagem se torne acessível, caso contrário estaríamos furtando do aluno o direito de ele se locomover por diversas esferas da sociedade.

entrada que os imigrantes e o poder público encontraram para acolher os estrangeiros que chegaram ao Brasil através de “visto humanitário”. Esse ajuste institucional foi feito por iniciativa de uma pessoa (João) em virtude de uma ausência de programas de acolhimento dos imigrantes haitianos na PMF.

- *Quarta Perspectiva*

Nesta perspectiva, observamos o que dizia Antonil no começo do século XVIII e que foi assinalado por Antônio Candido na obra *De Cortiço a Cortiço*: “no Brasil, costumam dizer que para o escravo são necessários três P.P.P., a saber, Pau, Pão e Pano”. Mais tarde, este dito viria a se transformar num poema Pau-Brasil, à maneira de Oswald de Andrade:

Mais-valia crioula

Para
Português negro e burro
Três pés:
pão para comer
pano para vestir
pau para trabalhar.

Posto isto, podemos fazer uma analogia com a atual situação dos imigrantes no Brasil, principalmente os negros. Ao chegarem em território brasileiro, a maioria dos haitianos se depara com uma situação atípica: não conseguem se comunicar, pois não sabem falar a língua oficial do Brasil. Isto faz com que o sonho de ascensão social, que fez com que eles abandonassem tudo e todos em seus países de origem, se transformasse na “necessidade” dos três P.P.P.

Por não saberem falar português, os imigrantes têm conseguido uma oportunidade de trabalho em locais que não exigem o domínio da LP, como na construção civil, de modo que eles acabam ocupando as vagas de trabalho rejeitadas pelos brasileiros. Assim sendo, para imigrantes que estão à margem basta os três pés: para sobreviver eles precisariam, apenas, de pão para comer, pano para vestir e pau para trabalhar. Ressalto que muitos são os casos de denúncia por exploração de trabalho, mas esse aspecto não será exposto aqui, embora ele esteja vinculado ao papel da educação na construção da cidadania e da dignidade humana.

Portanto, entendemos que a LP deve ser vista sob uma perspectiva sociointeracionista, ou seja, ela deve estar presente nas interações sociais que os

imigrantes venham a produzir, independente do contexto, seja no trabalho ou numa roda de conversa entre amigos. O objetivo desse projeto é fazer com que os imigrantes consigam circular por diversas esferas da sociedade brasileira, de modo que a língua(gem) esteja presente na interação. Para tanto, (re)conhecer a LP implica “entender os homens na configuração social, cultural e histórica em que vivem (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p.138), de modo a evitar que eles tenham suas vidas reduzidas aos três pés.

5.4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PROJETO

Embora a diversidade linguística de imigrantes e refugiados seja considerada, por muitos, um trunfo cultural, ela tem funcionado como um obstáculo para que essas pessoas consigam se inserir na sociedade local. O pouco domínio de uma dada variedade da língua portuguesa tem desfavorecido uma série de práticas comunicativas essenciais para a inclusão e o acolhimento desses grupos sociais em solo brasileiro (SEVERO et al., projeto de extensão, 2014-2016).

Diante do exposto, a proposta de um projeto que tenha como eixo central o ensino de LP para imigrantes e conseqüentemente sua inclusão social, mostra-se coerente e pertinente quando estruturada dentro das seguintes perspectivas:

- *O campo de atuação das políticas linguísticas.*

De acordo com o prefácio do livro *As políticas Linguísticas* (Calvet, 2007), escrito por Gilvan Muller de Oliveira, a política linguística está muito além de ser considerada uma multidisciplina, ela é uma prática política que está “associada à intervenção sobre situações concretas que demandam decisões políticas e planificação de políticas públicas.”

Diante da situação em que se encontram os imigrantes, a maioria refugiados, fica visível a necessidade de intervenção do poder público no que tange à criação de políticas públicas. Em tempo, antes da ação do poder público, faz-se necessário a explanação de alguns conhecimentos, Oliveira, em prefácio à obra de Calvet (2007) afirma:

Sobretudo, vão tornando mais claro que ‘política lingüística’, para além de uma multidisciplinar constituída de conhecimentos técnicos de lingüística, antropologia, sociologia, história, direito, economia, politologia, mobilizados para a análise das situações lingüísticas é, como diz Lia Varela, uma prática política, associada à intervenção sobre as situações concretas que demandam decisões políticas e planificação de políticas públicas.

Ao se discutir uma política lingüística voltada para o acolhimento e inclusão social de imigrantes e refugiados, faz-se necessário que se reiterem as colocações de Calvet (2007, p.21):

O planeamento é uma atividade humana decorrente de necessidade de se encontrar uma solução para um problema. Ele pode ser completamente informal e *ad hoc*, mas pode também ser organizado e deliberado. Pode ser executado por indivíduos particulares ou ser oficial. [...] Se o planeamento for bem feito, ele compreenderá etapas tais como a pesquisa extensa de dados, a escolha de planos de ações alternativos, a tomada de decisão e sua aplicação.

A planificação lingüística nada mais é que a política lingüística sendo colocada em prática. Contudo, assim como a política lingüística, o entendimento que se tem sobre o planeamento lingüístico também não é uniforme, fazendo com que existam vários desdobramentos sobre o assunto:

[...] **planeamento de corpus** (codificação, elaboração de alfabetos, gramatização, sistematização do léxico, manuais literários, entre outros), **planeamento do status** (designações e usos da língua pautadas por leis e decretos), **planeamento das formas de aquisição** (políticas de ensino e aprendizagem das línguas), **planeamento de usos** (políticas de divulgação e uso das línguas) e **planeamento de prestígio** (avaliação dos usos lingüísticos). (SEVERO, 2013, p.454, grifos do autor)

Seguindo o modelo de Hebert Simon, Calvet (2007, p.22) distingue quatro fases para o planeamento lingüístico: “diagnóstico de um problema; concepção das soluções possíveis; escolha de uma das soluções e avaliação da solução tomada”. Entretanto, segundo Calvet (2002), é importante destacarmos que até podemos elaborar uma política lingüística, mas somente o Estado tem autonomia para planejar e implantá-la em dada comunidade lingüística (imigrantes e refugiados). Por isso, o diálogo com o poder público se faz necessário, conforme tematizamos nesta pesquisa. Nas palavras do autor:

Mas num campo tão importante quanto às relações entre língua e vida social, só o Estado tem o poder e os meios de passar ao estágio de planeamento, de pôr em prática suas escolhas políticas (Calvet 2002, p. 145-146).

- *Relação entre língua e sociedade*

É sabido que a língua não serve apenas para transmitir informação, ela também oferece pistas a quem nos ouve ou lê sobre: “(i) o local de onde viemos; (ii) o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade; (iii) quando nascemos; (iv) com que grupo nos identificamos; entre várias outras informações” (COELHO; GÖRSKI; MAY; SOUZA, 2012, p.25), de modo que, é através da língua que o indivíduo estabelece suas relações com outros seres e com a natureza. Isto posto, antes de estabelecermos a relação entre língua e sociedade, faz-se necessário apresentarmos o conceito de língua adotado para este projeto. Antes de tudo, chamo a atenção para a diferença existente entre o conceito cartesiano de Saussure e o apresentado por Bakhtin:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (...) A língua constitui algo adquirido e convencional. (SAUSSURE, 2000, p.17).

Diferentemente de Saussure (estruturalista), Bakhtin (1986) enxerga a linguagem através de uma perspectiva sociointeracionista. Para ele, é impossível conceber a língua isoladamente, pois ele considera a palavra (linguagem) como um fenômeno ideológico e, também, como um meio de interação social:

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.(BAKHTIN, 1999, p. 41)

Portanto, a visão que Bakhtin opera sobre a linguagem se difere da visão saussuriana. Saussure enxerga a fala como um fenômeno individual e o sistema linguístico como fenômeno social, como se fossem duas esferas distintas, ao passo que a visão bakhtiniana recusa-se a separar o individual do social. No embalo dessa visão bakhtiniana de língua como prática social estão as concepções defendidas por Moita Lopes (2005), de que ensinar o PLE implica, também, ensinar uma cultura, ou seja, além de aprenderem uma língua estrangeira, os haitianos estão aprendendo sobre a cultura brasileira, de modo que a cultura é vista como parte do processo ensino/aprendizagem de uma nova língua.

Logo, este projeto também está ancorado em uma abordagem sociocultural de letramento. Stone (2007, p.50) ratifica que uma das grandes contribuições do letramento sociocultural é:

Reconhecer a relação entre os textos e o contexto em que eles são produzidos e usados. Nesse sentido, as práticas de letramento estão imbricadas em relações sociais mais amplas, tradições culturais, mudanças econômicas, condições materiais e valores ideológicos.

Barton e Hamilton (1998, p.03) reiteram a necessidade de um letramento como prática sociocultural ao afirmar que:

Letramento é primeiramente algo que as pessoas fazem; é uma atividade situada no espaço entre pensamento e texto. Letramento não reside apenas nas cabeças das pessoas como um conjunto de habilidades a serem apreendidas, assim como também não está só no papel, capturado como textos a serem analisados. Como toda atividade humana, letramento é essencialmente social e está localizado na interação entre as pessoas.

5.5 METODOLOGIA DO PROJETO

Ensinar não é mais transmitir e informar, ensinar é ensinar o sujeito aprendente a construir respostas, portanto só se pode partir de perguntas. [...] Poderemos não produzir as respostas desejadas, mas somente nossa memória de um futuro outro para as gerações com as quais hoje trabalhamos poderá iluminar nosso processo de construção desta nova identidade: a atenção ao acontecimento é a atenção ao humano e a sua complexidade. Tomar a aula como acontecimento é eleger o fluxo do movimento como inspiração, rejeitando a permanência do mesmo e a fixidez mórbida no passado (GERALDI, 2010, p.100).

A metodologia adotada para este projeto buscou se fundamentar naquilo que Geraldi (2010) diz ser: “a aula como acontecimento”. Embora exista um planejamento prévio, o contato com os haitianos, a partir de duas línguas distintas, implica uma série de situações imprevisíveis que não nos permite seguir determinado *script*. Atribuir à aula o acontecimento significa dizer que ela engloba e se estrutura como um processo construído tanto pelo professor quanto pelos alunos. Nesse sentido, no decorrer da execução do projeto, viu-se a necessidade de continuamente reorganizar o cronograma conforme as demandas, as conversas e os encontros durante as aulas.

Pensar a aula como acontecimento, implica, no contexto do encontro multilíngue, estranhar nosso vernáculo (PB) e nossas práticas linguísticas. Como mencionou Derrida (2001), nós herdamos muitas coisas, e temos que desconstruir os

conhecimentos que acabamos herdando, não para que eles sejam destruídos, mas para entender as bases de sua construção:

Utilizado pela primeira vez por Jacques Derrida em 1967 na Gramatologia, o termo ‘desconstrução’ foi tomado da arquitetura. Significa a deposição/decomposição de uma estrutura. Em sua definição derridiana, remete a um trabalho do pensamento inconsciente (‘isso se desconstrói’), e que consiste em desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico e dominante. Desconstruir é de certo modo resistir à tirania do Um, do logos, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p.9).

A “desconstrução” a que me refiro não é um sinônimo de destruição, pelo contrário, é um processo que se faz necessário para estranharmos nossa própria língua, para isto, precisamos questionar e reorganizar nosso discurso, o que para nós é “natural” para um estrangeiro não é. Com isso,

Um dos pontos-chaves da estratégia desconstrutivista tem sido a de interrogar sem piedade as oposições binárias com que nos acostumamos a raciocinar. Estamos nos referindo aos pares de termos como natureza/cultura, realidade/aparência, causa/efeito, língua/fala, fala/escrita, significante/significado, homem/mulher e por aí vai (RAJAGOPALAN, 2000, p.121).

Diante ao exposto, não podemos tratar um aluno imigrante da mesma forma que um aluno brasileiro, pois nós somos expostos diariamente a um *input* que facilita nosso processo de aprendizagem, diferentemente do imigrante que, durante muito tempo, foi exposto a outro *input* completamente diferente do nosso. Como disse Geraldi (2010, p.100) “não admitir a variedade em nome da uniformidade é tratar de forma igual questões diferentes e sujeitos diferentes.”

Contudo, a metodologia utilizada deve ter como lema: “educar para a vida”, deve-se lembrar de que não estamos querendo formar profissionais da língua, estamos trabalhando a língua como prática social, a favor da inclusão social. Dentro dessa perspectiva, nosso papel enquanto professor é o de mediar o processo ensino/aprendizagem de uma língua para os imigrantes, visto que a aquisição dessa nova língua aconteceu na relação estabelecida entre locutor e interlocutor (interação). Logo, corroboramos com as reflexões apresentadas por Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011, p.164), com fundamentações nas concepções apresentadas por Piaget (entre-lugar) e Vigotski (zona de desenvolvimento imediato), vejamos:

Diferentemente de Piaget – que discute aprendizagem a partir de particularidades do desenvolvimento cognitivo –, Vigotski (2000 [1984]), em suas reflexões sobre essas relações entre aprendizagem e desenvolvimento, permite-nos inferir que a interação com um mediador mais experiente facultaria à criança [lê-se: aos imigrantes] o desenvolvimento das capacidades que estariam no que talvez possamos chamar de zona de latência, ou seja, na zona de desenvolvimento imediato. Sob essa perspectiva, a aprendizagem não estaria, digamos, “na dependência” do desenvolvimento – tal qual podemos inferir em Piaget – mas o mobilizaria. Essa compreensão vigotskiana com a qual comungamos, em nossa compreensão, implica considerar a zona de desenvolvimento imediato, não trazendo, porém, consigo a proposição de que essa mesma mediação mais experiente possa facultar aos aprendizes a realização de atividades muito distantes de sua zona de desenvolvimento real.

Apesar do eixo norteador deste projeto ser o ensino de LP como língua estrangeira, estivemos atentos para as diferentes formas de representação de nossa língua, conforme aponta o professor da USP, imigrante natural da Espanha e naturalizado brasileiro em 1988:

As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes. (MORAN, 2007, p.3)

A preparação das aulas abordou também um tema de interesse dos imigrantes: especialmente as culturas brasileira e catarinense. É importante que os alunos possam diferenciar um país do outro e entender alguns costumes. Todas as aulas foram conduzidas de forma a facilitar a adaptação do estrangeiro em nossa cidade, abordando assuntos como: cumprimentos e saudações (relações de poder), família (contexto privado vs, público), identidade de gênero, profissões, saúde, alimentação, ditados populares, esportes, dentre outros.

5.6 OBJETIVOS DO PROJETO

Contribuir para que os imigrantes aprendam uma nova língua (português), sendo ela uma prática social, a favor da sua inclusão em nossa sociedade. Trata-se de possibilitar um espaço para a divulgação dos direitos dos imigrantes com enfoque de gênero e de combate ao racismo, e também para a discussão sobre as culturas brasileiras e haitiana.

5.6.1 Objetivos específicos

Conceituais/Factuais (aprender a conhecer):

- Através do ensino de LP, inscrever-se em uma nova cultura;
- Refletir sobre os direitos e deveres do imigrante;

Procedimentais (aprender a fazer):

- Conseguir comunicar-se (falar/ouvir, ler/escrever) e;
- Lidar com diferentes situações do cotidiano.

Atitudinais (aprender a ser e conviver):

- Ouvir, respeitar e valorizar as opiniões dos outros, revendo ou reformulando novos conceitos;
- Conhecer uma nova cultura (língua, cidade, costumes, etc.);
- Estrangeirar a língua portuguesa.

5.7 CONHECIMENTOS TRABALHADOS⁶⁴

- História do Português brasileiro.
- Conhecimentos sistematizados 1: Alfabeto (fonética/fonologia do PB), com enfoque sobre a relação entre pronúncia e valorização.
- Apresentação pessoal.
- Cumprimentos / saudações.

⁶⁴ Os conhecimentos trabalhados ao longo desse projeto mesclaram práticas linguísticas e ensino da gramática e de léxico. A organização das aulas aconteceu de forma temática, ou seja, a partir dos temas (muitos deles solicitados pelos alunos). Salienta-se que conteúdos gramaticais foram sendo requisitados e trabalhados no decorrer do projeto.

- Numerais Cardinais / Ordinais / Fracionários, em relação aos valores monetários.
- Conhecimentos sistematizados 2: Advérbio de tempo/ dia de semana / calendário, com enfoque nas formas cotidianas de fazer referência ao tempo.
- Conhecimentos sistematizados 3: Advérbios interrogativos e contextos de uso.
- Conhecimentos sistematizados 3: Plural / Singular.
- Marcação de gêneros e uso de artigos (masculino/feminino).
- Características das roupas / cores.
- Famílias / grau de parentesco e relações domésticas no Brasil.
- Cotidiano / situações formais e informais
- Higiene e saúde em práticas linguísticas no Brasil.
- Habitação / Utensílios domésticos.
- Conhecimentos de léxico específico: animais.
- Localização de trabalho / escola / casa: orientação espacial e percursos urbanos.
- Perspectivas / direções: pensando a relação com o futuro.
- Profissão / função / ambiente de trabalho.
- Meios de Comunicação.
- Alimentos e bebidas / pesos / medidas, em contextos de uso da língua.
- Esportes e eventos esportivos.
- Meios de Transportes / Estados do Brasil e capitais.
- Estrutura do PB (sujeito, verbo, objeto)

Observação: todos os conteúdos trabalhados foram contextualizados com os usos cotidianos dos alunos. Além disso, foram usados uma série de gêneros discursivos como forma de contextualização, em diálogo com a noção de língua como prática social. Destaco alguns exemplos de gêneros trabalhados em sala de aula: conversa, carta, bilhete, dentre outros. Além dos gêneros primários, também nos preocupamos em colocar os alunos em contato com gêneros secundários, tendo em vista a sua mobilidade social. Alguns gêneros discursivos secundários trabalhados em sala de aula foram: reportagem, crônicas, palestras, júri (simulado) e a própria aula.

Como destacam Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2001, p.119),

Por sua relação com o universo social e, por consequência, com as ideologias, os gêneros trazem neles modos de ver, perceber e julgar o mundo, uma vez que eles respondem às condições específicas de uma esfera dada e de uma dada ideologia e, de um modo mais amplo, sobre determinados grupos sociais e sociedades. Dessa forma, para Bakhtin (2003 [1979]), neles se acumulam formas de visão e compreensão de determinados aspectos do mundo social. Os gêneros são meios de apreender e significar a realidade.

5.8 RECURSOS NECESSÁRIOS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

De acordo com as reuniões que antecederam a execução desse projeto, todo o material necessário seria fornecido pela SME, mediante prévia solicitação dos professores. Ocorre que, na prática, houve grande escassez de recursos materiais, sendo que muitos ajustes e criatividade foram necessárias. Grande parte das aulas foram ministradas com giz e quadro, sem outros recursos possíveis. Tais aspectos dificultaram muito a realização do projeto, salientando a ideia de que, de fato, a “aula é acontecimento”.

5.8.1 Recursos materiais

- Gramáticas;
- Material escolar⁶⁵;
- Livros.
- Computador;
- Internet;
- Projetor multimídia;
- Tela de projetor multimídia;
- Quadro branco ou negro;
- Pincéis para quadro branco (preto e vermelho) ou giz; e
- Apagador de quadro branco ou apagador de quadro negro.

⁶⁵ Destaca-se que a SME forneceu material escolar (caderno e caneta) aos alunos que participaram desse projeto, entretanto, precisamos frisar que a distribuição aconteceu aleatoriamente, tendo em vista a evasão dos alunos. A cada semana a professora titular da turma nos fornecia alguns cadernos e algumas canetas para distribuímos aos alunos. Entendemos a conduta adotada pela SME, mas precisamos melhorar essa distribuição, o correto seria distribuir material apenas no ato da matrícula.

5.8.2 Recursos bibliográficos

Para preparação das aulas:

- Textos variados:
 - A Aula como acontecimento;⁶⁶
 - O texto na sala de aula;⁶⁷
 - O texto não é pretexto; O Texto não é pretexto, será que não é mesmo?;⁶⁸
 - Por que não ensinar gramática na escola?;⁶⁹
 - Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola;⁷⁰
 - Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa;⁷¹
 - Gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin;⁷²
 - A Análise Crítica do Discurso na sala de aula: uma proposta de aplicação pedagógica;⁷³

- Livros
 - Linguística Aplicada: ensino de língua materna;⁷⁴

⁶⁶ GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

⁶⁷ GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

⁶⁸ LAJOLO, Marisa O texto não é pretexto. In: Regina Zilberman. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993 [1982]. p. 51-62.

_____. LAJOLO, M. P. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In: Regina Zilberman; Tania Rosing. (Org.). **Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas**. 1 ed. São Paulo: Global, 2009. p. 99-112.

⁶⁹ Resenha sobre o livro de POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, ALB. Mercado de Letras, 1996, 96 p., Coleção Leituras do Brasil

⁷⁰ KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

⁷¹ MOITA-LOPES, Luiz Paulo. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: _____. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-107.

⁷² RODRIGUES, Rosângela Hammes. Gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

⁷³ FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. A Análise Crítica do Discurso na sala de aula: uma proposta de aplicação pedagógica. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; SCLiar-CABRAL, Leonor. **Desvendando discursos: conceitos básicos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 165-182.

⁷⁴ RODRIGUES, Rosângela Hammes; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. **Linguística Aplicada: ensino de língua materna**. Florianópolis: DLLV/UFSC, 2011.

- Para conhecer Sociolinguística;⁷⁵
- Para uma filosofia do ato responsável;⁷⁶
- Curso de Linguística Geral;⁷⁷
- Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro.⁷⁸

Para distribuição para os alunos:

- Textos;
- Exercícios.

5.9 MÉTODO DE AVALIAÇÃO UTILIZADO NO PROJETO

A avaliação ocorreu ao longo de todo o processo de elaboração do projeto, concebido como um constante ir-e-vir entre os textos e trabalhos produzidos pelos alunos e a mediação do professor. Foi observada a participação e desenvoltura de cada aluno ao longo de todo o processo. Ao final, os alunos realizaram uma avaliação do projeto, criticando e sugerindo melhorias, tendo em vista uma próxima turma que poderá participar deste mesmo projeto. Cabe salientar que este projeto é a semente de uma política pública com vistas a acolher de forma adequada os imigrantes que chegam em nosso Estado.

5.10 A EXPERIÊNCIA COMO DOCENTE

Medo foi o que senti ao pisar pela primeira vez em sala de aula. Ter de lecionar minha língua materna para alunos estrangeiros não é tarefa fácil, ainda mais se levarmos em consideração o fato de não haver entre nós (alunos e professor) uma língua(gem) em comum. Entendendo que a língua é a expressão das relações e das lutas sociais, busquei ao longo das aulas uma postura sociointeracionista que levasse em consideração a

⁷⁵ COELHO, Izete L.; GÖRSKI, Edair M.; SOUZA, Christiane N.; MAY, Guilherme H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

⁷⁶ BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos/SP: Pedro & João, 2010 [1920-24]

⁷⁷ SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2000 [1916]

⁷⁸ SEARA, Izabel C., NUNES, Vanessa G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Christiane. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

historicidade do sujeito e da linguagem. Nesse sentido, nos ancoramos nas reflexões de Britto (1997, p.154) e ratificadas por Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011, p.70):

A força do pensamento de Franchi e Geraldini está no fato de eles não se limitarem a propor um novo método ou novos procedimentos. Ao contrário, elaboraram suas propostas para o ensino de português a partir de uma concepção de linguagem e de construção de conhecimento bastante diferente da tradicional, centradas na historicidade do sujeito e da linguagem.

A proposta apresentada por Britto (1997, p.154) nos direcionou para um processo de ensino e aprendizagem que concebeu a língua(gem) em seu uso efetivo, “[...] já que só se aprende uma língua na medida em que, operando com ela, comparam-se expressões, transformando-as, experimentando novos modos de construção e, assim, investindo as formas linguísticas de significação”. Salienta-se que nossos alunos trouxeram em suas bagagens uma concepção tradicional do ensino de uma língua, oposta ao caminho que desejávamos trilhar. Ou seja, aprender uma língua implicava dominar sua gramática⁷⁹, fato que tentamos desmistificar no decorrer das aulas.

Trata-se, então, de estudar a língua real, o uso situado da linguagem, os enunciados, os discursos, as práticas de linguagem em contextos específicos, buscando romper esse frágil fio que garante a visão da rede, da trama, da multiplicidade, da complexidade dos objetos-sujeitos em suas práticas. (ROJO, 2007, p. 1762 apud RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p. 27)

Nas sendas de Bakhtin, tal qual destacam Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011), planejamos nossas aulas acreditando na concepção de que,

A língua materna – sua composição vocabular e estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas [enunciados concretos] que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações [enunciados] e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (por que falamos por meio de enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). (BAKHTIN, 2003 [1979]. p. 282-83 apud RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p.90).

Partindo desse princípio, percebemos a necessidade de trabalhar com aulas temáticas. Tal necessidade se deu por dois motivos:

⁷⁹ Faraco (2008) menciona que o ensino da norma curta “enquadra” a língua em padrões rígidos ao não observar suas variedades, ou seja, a língua do certo e errado.

- O primeiro diz respeito à irregularidade na frequência dos alunos. Por motivos diversos, os alunos não frequentavam as aulas regularmente, sem mencionar o fato de que a cada encontro novos alunos eram matriculados, o que dificultou o andamento das aulas. Ao mesmo tempo em que precisávamos avançar com o conteúdo nós também precisamos retroagir para que os novos alunos pudessem acompanhar. Esse movimento de ida e vinda contribuiu para a evasão de parte dos alunos durante o curso. Salienta-se que esse motivo nos impossibilitava de iniciar uma atividade em uma aula para que ela fosse concluída em outra, pois não tínhamos a certeza de que os mesmos alunos que haviam participado daquela aula estariam na aula seguinte, pelo contrário, a certeza era a de que na aula seguinte haveria outros alunos que não (ou além) dos que haviam participado daquela aula;
- O segundo diz respeito à constituição dos alunos como sujeito. A heterogeneidade da turma⁸⁰ mostrou-se um fator muito interessante.

Diante do cenário apresentado, a solução que encontramos foi a de iniciar o curso trabalhando com gêneros primários, mais especificamente com rodas de conversas (oralidade) e escrita de bilhetes. A intenção era a de propor uma maior interação entre sujeitos situados historicamente. Como mencionamos anteriormente, os alunos já traziam na bagagem um conhecimento sobre a língua portuguesa (embora não conseguissem se comunicar através dela). Parte dos alunos possuía formação superior o que nos auxiliou durante as aulas, pois na verdade fazíamos comparações entre o PB e a língua crioula.

Aos poucos os alunos⁸¹ foram aumentando seu léxico, o que nos possibilitou trabalhar com outros gêneros. Da produção de bilhetes passamos para a elaboração de cartas. Da roda de conversas evoluímos para apresentações de trabalhos.

⁸⁰ Como mencionamos ao longo desta pesquisa, a turma era muito heterogênea. Composta por alunos que possuem graduação e também por alunos que não concluíram o ensino médio e/ou fundamental (no Haiti: primeiro e segundo grau).

⁸¹ É importante salientar a heterogeneidade que a turma não só apresentou, mas que também construiu ao longo do curso. Devido à irregularidade na frequência, chegou um determinado momento em que alguns apresentavam um desenvolvimento muito maior se comparado com os que recém haviam chegado e/ou irregularmente frequentavam as aulas.

A própria aula, enquanto gênero, também se mostrou um fator relevante para a nossa perspectiva sociointeracionista. O que estamos querendo dizer é que, “para a aula “acontecer”, é necessário que todos os envolvidos – professor e alunos – estejam engajados em uma mesma interação ou em interações paralelas – microinterações – cujo foco e cuja finalidade convirjam, em alguma medida, para a interação principal (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p.44)”. No entanto, os recursos que tínhamos para a elaboração e execução das aulas eram limitados, fato que dificultou a execução de algumas atividades como, por exemplo, o trabalho com músicas brasileiras.

Contudo, apesar de acreditarmos que a sala de aula não é lugar para se fazer ciência, pudemos ver na prática a concepção que fundamentou todo o nosso projeto: a língua como produto da interação social.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [a língua como sistema de formas, tal como concebida pelo estruturalismo] nem pela enunciação monológica isolada [a língua como expressão de uma consciência constituída individualmente], nem pelo ato psicofisiológico de sua produção [atividade mental interiorizada], mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. [...] A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes. (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 1988 [1929], p.123-124, apud CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p.90, grifos do autor).

Finalizamos este projeto com a certeza de que, mais do que ensinar, nós aprendemos. Sendo que, para ensinar, precisamos estranhar o nosso próprio vernáculo, precisamos desconstruí-lo tal qual propôs Derrida (2001).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de qualquer coisa, sentimos que é preciso desmistificar a ideia de que o Haiti foi destruído pelo terremoto de 2010. Ocorre que diversas pessoas creditam a essa catástrofe a razão para a vinda dos imigrantes haitianos ao Brasil, no entanto, poucos sabem do fardo que o país tem carregado desde o seu período colonial. A migração haitiana é resultado do desdobramento de um processo histórico que remete à sua própria formação, seu processo de independência, seu desenvolvimento político e econômico. Ou seja, o terremoto que devastou a cidade de Porto Príncipe foi apenas mais um agravante na triste história da Pérola do Caribe.

Fruto de uma disputa territorial entre Espanha e França, que resultou na assinatura do Tratado de Ryswick, o Haiti tem vivenciado nos últimos anos uma grande contradição. Tendo sido a primeira nação a declarar a abolição da escravatura (1794) e, também, o primeiro país a conquistar sua independência, o Haiti não conseguiu dar cabo das questões de desigualdades construídas ao longo de sua história, envolvendo questões como: gênero, etnias, educação, economia, política, dentre outras, que perpetuam até hoje. Portanto, não podemos delegar ao terremoto de 2010 a razão para a migração, pelo contrário, devemos ter ciência de que devido a todo um cenário político e social (colonialismo e pós-colonialismo), a população haitiana, não encontrando as condições adequadas para permanecer no país, viu-se forçada a deixar o país para reconstruir suas vidas em outros lugares. Nesse cenário, a imigração foi o caminho encontrado por milhares de haitianos.

Com o crescimento econômico apresentado pelo Brasil nos últimos anos, somado à Copa do Mundo de 2014 e aos Jogos Olímpicos, que acontecerão no Rio de Janeiro em 2016, nosso país acabou sendo incluído na rota de destino desses imigrantes. O primeiro fluxo de haitianos começou a chegar ao Brasil em abril de 2010, após o terremoto que ceifou a cidade de Porto Príncipe. No início o número de imigrantes era pequeno, mas em 2011 chegou à casa do milhar e, desde então, não parou de crescer, chegando ao final de 2013 com mais de 20.000 imigrantes e, segundo o CONARE, este número teria aumentado para 39.000 em setembro de 2014. Atualmente, estima-se que mais de 56 mil haitianos já emigraram para o Brasil.

A maior parte dos imigrantes entrou no Brasil por vias terrestres mas, antes disso, eles viajaram cerca de um mês até chegar às cidades de Brasília (AC) ou Tabatinga (AM). De lá, eles acabaram seguindo para outros estados brasileiros e nessa rota, Santa Catarina tornou-se um ponto de passagem para a maioria dos imigrantes, seja para uma parada temporária ou para estabelecer residência. Além de todo o trajeto percorrido para chegar a SC, os imigrantes também têm de superar outra barreira: a língua (português). A dificuldade enfrentada pelos imigrantes diante de uma nova língua constitui um problema linguístico socialmente relevante, sobre o qual me debrucei.

Tentando problematizar essa barreira linguística, surgiu meu interesse pelo trabalho e a possibilidade de construir um projeto de extensão universitária. Primeiramente, é preciso destacar que o projeto é recente, tendo completado um ano no

segundo semestre de 2015. Através de uma iniciativa da EJA de Florianópolis, os imigrantes começaram a receber aulas de língua portuguesa no segundo semestre de 2014. Com a intensificação do fluxo migratório de haitianos para a capital catarinense, no primeiro semestre de 2015 apresentei-me à SME de Florianópolis com uma dupla proposta: colaborar com o ensino de língua portuguesa e realizar uma pesquisa científica.

Inicialmente, a SME mostrou-se receosa com minha proposta pois, por se tratar de algo “novo”, ainda não existia um projeto consolidado, com uma estrutura bem definida. Durante algumas reuniões, o representante da EJA deixou muito clara a preocupação deles com a nossa pesquisa. Diante das palavras do representante da EJA, propus que elaborássemos um projeto: uma parceria entre a SME/EJA de Florianópolis e a UFSC, onde nós estaríamos elaborando um projeto de ensino da língua portuguesa para estrangeiros face ao campo de pesquisa que eles poderiam nos proporcionar. Passamos longos 4 meses em planejamento, entre encontros e desencontros, até a execução do projeto que teve início no mês de agosto/2015.

O início das aulas colocou-me frente a um imenso desafio, que era ensinar língua portuguesa para um grupo extremamente heterogêneo de imigrantes estrangeiros. O mais difícil de tudo foi ter que estranhar meu próprio vernáculo para poder lecionar, fato que se fez necessário para que eu pudesse comprovar aquilo que Derrida (2001) estava se referindo quando mencionou a desconstrução da língua.

O ensino de uma nova língua norteou-se com a premissa de auxiliar os imigrantes em sua inclusão e ascensão social, para que aqueles que pretendem mais tarde estudar – além de trabalhar – ou até mesmo cursar uma faculdade consigam se comunicar e interagir de maneira satisfatória.

Em relação ao aprendizado desses imigrantes, ficou visível a vontade e o interesse que eles têm em aprender uma nova língua, sobretudo àqueles que recém chegaram e necessitam aprender o idioma para sobreviver. No entanto, tratou-se de um desafio trabalhar com um grupo tão heterogêneo como esses aprendizes. Uma das dificuldades presenciadas no decorrer das aulas foi, justamente, a chegada de novos alunos. Semanalmente novos imigrantes faziam suas matrículas, o que dificultou um pouco nosso trabalho. Três meses após o início das aulas, o projeto ainda acolhia novos

alunos, fato este que prejudicou o desenvolvimento daqueles que frequentavam as aulas desde o início, pois a cada aula era necessário retomar conteúdos ministrados no início do curso, como: saudações e cumprimentos.

A avaliação que faço desse projeto é que ele se tornou uma porta de entrada para o processo de inclusão social dos haitianos e, não apenas isso, o projeto também se tornou fonte de aprendizado sobre tradições culturais, história, geografia, religião, economia, trabalho, dentre outros aspectos de cunho humanitário. Contudo, o aprendizado aconteceu de forma mútua, tanto para os imigrantes, que aprenderam não só uma nova língua, mas também uma nova cultura, quanto para mim que tive o privilégio de me relacionar e trocar experiências com um grupo de pessoas que trouxe na bagagem um pouco de sua cultura, sua visão de mundo, sua língua, sua história, dentre outros aspectos que os tornam humanos.

O projeto foi finalizado em novembro/2015, após três meses de aula, sendo que conseguimos atender cerca de 80 alunos no nível “básico”. Contudo, a intenção é que este projeto se torne algo duradouro, uma política pública, e que futuros imigrantes também possam ser contemplados e consigam aprender uma nova língua e uma nova cultura.

Por fim, gostaria de finalizar este trabalho respondendo aos quatro passos enumerado por Calvet (2007, p.22) para a construção de um planejamento linguístico.

Diagnóstico de um problema: ao longo deste trabalho, busquei evidenciar de forma clara e objetiva os diversos motivos pelos quais os haitianos migraram para o Brasil. Diferentemente do que se acredita, não se trata única e exclusivamente da destruição ocasionada pelo terremoto e, sim, de todo um processo histórico de formação da República do Haiti. No que tange ao Brasil, cabe salientar que sempre mantivemos as portas abertas para acolher todo e qualquer imigrante que se encontre em situação de vulnerabilidade, tanto é que mesmo a Lei de nº 9.474 não contemplando a situação dos haitianos, a Constituição Federal Brasileira criou o “visto humanitário”. O problema é que se esqueceu de uma barreira importantíssima para o acolhimento desses imigrantes: a língua. Os haitianos possuem como idioma oficial o Kréyole (de base francesa), embora a grande maioria fale francês, eles não se comunicam no idioma oficial brasileiro: o português. Como acolhê-los diante dessa barreira?

Com a elaboração deste trabalho, percebeu-se que os imigrantes, por não saberem falar português, acabavam sendo excluídos da sociedade brasileira, mesmo que inconscientemente. Muitos deles, a maioria homens, são recrutados por empresas do interior do Estado catarinense, justamente por não conseguir se comunicar em língua portuguesa com certa “proficiência”, pois lá, o trabalho seria manual e não necessitaria que eles interagissem com outras pessoas. Diante dessa situação, fica evidente que a língua portuguesa tornou-se um problema para o acolhimento desses imigrantes. Somado a isso, também podemos elencar outros aspectos, por parte da sociedade brasileira, que por não entender os reais motivos para a vinda desses imigrantes ao Brasil acabam tendo atitudes xenofóbicas. Certamente, se os imigrantes conseguissem se comunicar com os brasileiros, a fronteira que separa esses dois povos diminuiriam.

Concepção das soluções possíveis: Calvet (2007, p.11) define política linguística como a escolha das decisões referentes às relações entre línguas e sociedade que as empregam ou as abrigam dentro de seus grupos. Paralelo a isso estão às ações que fazem com que uma política se concretize: os planejamentos linguísticos, responsabilidade essa que pertence ao Estado.

Diante das diversas possibilidades de soluções, optou-se pela elaboração de um projeto de extensão universitária que tivesse como eixo vertebral o ensino de PLE através de uma parceria entre a SME/EJA e UFSC. Cabe ressaltar que outras cidades de SC, através de iniciativas da população civil, também têm optado por esse mesmo caminho. Os Estados do PR e RS já possuem projetos bem avançados nesse campo, SC é o único Estado do Sul que ainda não possui projetos bem estruturados.

Escolha de uma das soluções: o projeto vislumbra a necessidade de incluirmos socialmente uma porção de imigrantes que estão sendo lançados à margem da sociedade brasileira, seja por questões de raça, cultura, política, economia, dentre outros. O projeto, inicialmente com duração de um semestre (2º semestre de 2015) foi executado na cidade de Florianópolis, na Escola Básica Municipal Almirante Carvalhal. Participaram como professores deste projeto dois alunos da UFSC. Destaca-se que, ao longo da execução, o projeto contou com a orientação de um grupo de pesquisadores da UFSC, que atuam na área de políticas linguísticas.

Avaliação da solução tomada: é certo que o projeto contribuiu para a inclusão social de dezenas de imigrantes. Outros, no entanto, não tiveram o mesmo aproveitamento, necessitando frequentar novamente as aulas. Crédito à falta de estrutura do curso tal motivo. Como mencionamos ao longo desse trabalho, a cada semana recebíamos em sala de aula novos imigrantes recém-chegados, o que atrasava a evolução e dificultava o acompanhamento de alguns alunos. Para uma próxima turma, sugiro delimitar a data de matrícula para novos ingressantes, pois somente assim teremos uma turma mais “homogênea” e o professor conseguirá acompanhar a evolução da turma de uma maneira melhor.

O projeto mostrou-se capaz de suprir a necessidade apresentada pelos imigrantes, no entanto, alguns pontos precisarão ser revistos, como por exemplo, a estrutura da escola. A falta de estrutura oferecida pela SME dificultou o andamento das aulas, principalmente o início delas. Com aulas limitadas a quadro e giz, o professor precisava recorrer a recursos teatrais para se fazer compreender, visto que a escola não oferecia data show para exibição de imagens, o que facilitaria o aprendizado dos alunos. Como alternativa para trabalhar os quatro eixos propostos no projeto (oralidade/escuta, leitura/escrita) recorreu-se à exibição de filmes, no entanto, isso só foi acontecer após muita insistência dos professores. Destaco que no início do projeto, foi solicitado pela escola que comunicássemos com antecedência a utilização de tais recursos, ocorre que, mesmo tendo feito isto, os recursos necessários não foram disponibilizados, sendo que nos dias programados os professores precisaram “improvisar” outros conteúdos, haja vista o fato de não se possuir material para trabalho. Sabe-se que, infelizmente, esta tem sido a realidade da educação pública brasileira.

Ao final deste trabalho, resgato um dos aspectos elencados durante a elaboração do projeto: multiplicadores. Temos duas opções, ou a SME custeia novos professores, mesmo que ACT, ou mobiliza a população para participar do projeto. Para a última opção, ressalto que a UFSC disponibilizou um grupo disposto a contribuir na formação dos novos professores, no entanto, não houve adesão dos responsáveis na SME, exceto dos alunos da UFSC.

Todavia, desejo que este não tenha sido apenas um trabalho de conclusão de curso, mas sim, o início de uma caminhada rumo à elaboração de uma política linguística “crítica” perene.

7. REFERÊNCIAS

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/ Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000026.pdf>

ARRAES, Eduardo Fonseca. **Desastres e desenvolvimento: o caso do Haiti**. 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/revistavitas/images/DEastres_e_desenvolvimento_Eduado_Arraes.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos/SP: Pedro & João, 2010 [1920-24]

BARTON, D. HAMILTON, M. *Local literacies: reading and writing in one community*. Londres: Routledge (foreword, preface and chapter one), 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. (trad. Carlos A. Medeiros) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 119p.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BRASIL. CAMARA DOS DEPUTADOS. . **Governo brasileiro continuará emissão de visto humanitário para haitianos**. 2015. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SEGURANCA/492508-GOVERNO-BRASILEIRO-CONTINUARA-EMISSAO-DE-VISTO-HUMANITARIO-PARA-HAITIANOS.html>>. Acesso em: 06 out. 2015.

BRASIL. Dilma Rousseff. Blog do Planalto. **Dilma: Brasil está de braços abertos para refugiados que quiserem trabalhar e viver em paz.** Discurso proferido em recente reunião na cidade de Nova York (EUA) com representantes de outros países do G4. Disponível em: <<http://blog.planalto.gov.br/dilma-brasil-esta-de-bracos-abertos-para-refugiados-que-quiserem-trabalhar-e-viver-em-paz/>>. Acesso em: 06 out. 2015.

BRASIL. Luiz Inácio Lula da Silva. Ministério das Relações Exteriores. **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião de formatura das tropas brasileiras da Missão da ONU (Minustah).** 2010. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9281:discurso-durante-cerimonia-de-formatura-das-tropas-brasileiras-da-missao-da-onu-minustah-porto-principe-haiti-25-02-2010&catid=197&Itemid=448&lang=pt-BR>. Acesso em: 06 out. 2015.

BRASIL. Luiz Inácio Lula da Silva. Presidência da República. **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na chegada ao Haiti.** 2004. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2004/2o-semester/18-08-2004-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-chegada-ao-haiti>>. Acesso em: 06 out. 2015.

BRASIL. Secretaria-geral. Presidência da República. **Governo federal e organização ecumênica debatem situação de imigrantes haitianos no Brasil.** 2015. Número de vistos emitidos por mês para novos imigrantes. Disponível em: <<http://www.secretariageral.gov.br/noticias/2015/agosto/19-08-2015-governo-federal-e-organizacao-ecumenica-debatem-situacao-de-imigrantes-haitianos-no-brasil>>. Acesso em: 06 out. 2015.

BRASIL. Legislação nº RN nº97, de 12 de janeiro de 2012. **Visto Humanitário.** Brasília, 12 jan. 2012. Disponível em: <[http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A350AC8820135687F345B412D/RESOLUÇÃO NORMATIVA Nº 97.pdf](http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A350AC8820135687F345B412D/RESOLUÇÃO%20NORMATIVA%20N%2097.pdf)>. Acesso em: 06 out. 2015.

BRASIL. SENADO. **Rota de haitianos para o Brasil.** Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/agencia/infos/rotas_de_haitianos_para_o_brasil/rotas_de_haitianos_para_o_brasil.html>. Acesso em: 06 out. 2015.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *A sombra do caos.* Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.

CALVET, L-J. *As políticas linguísticas.* São Paulo: Parábola Editorial, IPOL, 2007.

CANDIDO, ANTONIO. *De Cortiço a Cortiço.* In: CANDIDO, ANTONIO. *O discurso e a cidade.* São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CASIMIR, Jean. O Haiti e suas elites: o interminável diálogo de surdos In. *Revista Universitas: Relações Internacionais* v. 4, n. 2. Brasília: (2012). Tradução Renata de Melo Rosa.

COELHO, Izete L.; GÖRSKI, Edair M.; SOUZA, Christiane N.; MAY, Guilherme H. **Para conhecer Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.

CONGRESSO NACIONAL. Constituição (2013). Projeto de Lei nº 288, de 04 de agosto de 2015. **Lei de Migração.** Brasília, Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1366741&filename=PL+2516/2015>. Acesso em: 06 out. 2015.

CONVENÇÃO DE GENEBRA. Constituição (1951). **Convenção Relativa Ao Estatuto dos Refugiados**. Disponível em: <<http://www.fd.uc.pt/CI/CEE/pm/Tratados/Amesterdao/conv-genebra-1951.htm>>. Acesso em: 06 out. 2015.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. **De que amanhã . . . diálogos**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Governo do Estado de SC. **Fluxos migratórios e políticas para imigrantes são tema de encontro estadual**. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/mais-sobre-desenvolvimento-social/fluxos-migratorios-e-politicas-para-imigrantes-sao-tema-de-encontro-estadual>>. Acesso em: 06 out. 2015.

DIARIO CATARINENSE (Sc). **Na contramão da crise, Santa Catarina é exemplo a outros estados**. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/economia/noticia/2015/08/na-contramao-da-crise-santa-catarina-e-exemplo-a-outros-estados-4821114.html>>. Acesso em: 06 out. 2015.

DIARIO CATARINENSE. **Prefeito de Florianópolis irá formalizar protesto por chegada de haitianos**. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2015/05/prefeito-de-florianopolis-ira-formalizar-protesto-por-chegada-de-haitianos-4767404.html>>. Acesso em: 06 out. 2015.

EXAME. **Bolsonaro chama refugiados de "escória do mundo"**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo>>. Acesso em: 06 out. 2015.

EXAME (Ed.). **Os 20 países mais instáveis e frágeis do mundo**. Haiti: 11º país mais frágil do mundo.. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/os-20-paises-mais-instaveis-e-frageis-do-mundo>>. Acesso em: 06 out. 2015.

FANTÁSTICO. Globo. **Imigrante diz que muitos brasileiros consideram haitianos como escravos**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/07/imigrante-diz-que-muitos-brasileiros-consideram-haitianos-como-escravos.html>>. Acesso em: 06 out. 2015.

FARIA, Andressa Virgínia de. **A DIÁSPORA HAITIANA PARA O BRASIL: o novo fluxo migratório (2010-2012)**. 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/TratInfEspacial_FariaAV_1.pdf>. Acesso em: 06 out. 2015.

FERNANDES, Duval; RIBEIRO, Juliana Carvalho. **Migração laboral no Brasil: problemáticas e perspectivas**. 2014. Texto produzido a partir de apresentação feita no Seminário do Observatório das Migrações realizado em Brasília (Brasil), em 14 de maio de 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra/article/download/12955/9128>>. Acesso em: 06 out. 2015.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação G. de. **“Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”**. 2014. 158 f. Monografia (Especialização) - Curso de Mte, Ministério do Trabalho e Emprego, Belo Horizonte, 2014. <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A4AC03DE1014AE84BF2956CB6/Pesquisa>>

do Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”.pdf>. Acesso em: 28 set. 2015.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. A Análise Crítica do Discurso na sala de aula: uma proposta de aplicação pedagógica. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Desvendando discursos: conceitos básicos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 165-182.

FOLHA DE SÃO PAULO. **PRESIDENTE DO HAITI SILENCIA RIVAIS**. Reportagem publicada pelo The New York Times no ultimo dia 28 de março de 2015.. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/newyorktimes/213696-presidente-do-haiti-silencia-rivais.shtml>>. Acesso em: 06 out. 2015.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999

GLOBO. **Haiti celebrara eleições legislativas em meio a indiferença popular**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/haiti-celebrara-eleicoes-legislativas-em-meio-a-indiferenca-popular.html>>. Acesso em: 06 out. 2015.

GLOBO. **Largura de canela é requisito para haitiano conseguir emprego**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/05/largura-de-canela-e-requisito-para-haitiano-conseguir-emprego-no-brasil.html>>. Acesso em: 06 out. 2015.

Grupo de Apoio ao Imigrante e Refugiado de Florianópolis e Região (GAIRF). **Novos Imigrantes e Refugiados na Região da Grande Florianópolis: Observações preliminares sobre suas experiências e demandas**. Florianópolis, 2015.

GUERRA, Sidney; EMERIQUE, Lilian Balmant. **Asilados e refugiados: Breve análise do fenômeno migratório**. In: Direito das Minorias e Grupos Vulneráveis. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2008.

GUIA DE CARREIRA (Ed.). **Divisão Colonial da Ilha Hispaniola**. Disponível em: <<http://www.guiadacarreira.com.br/historia/colonizacao-terremoto-haiti/>>. Acesso em: 06 out. 2015.

HORA DE SANTA CATARINA. Clic Rbs. "**Nosso povo é filho de imigrantes e precisa ser generoso com o tema**", diz Ângela Albino sobre estrangeiros em SC. Disponível em: <<http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2015/05/nosso-povo-e-filho-de-imigrantes-e-precisa-ser-generoso-com-o-tema-diz-angela-albino-sobre-estrangeiros-em-sc-4767699.html>>. Acesso em: 06 out. 2015.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

LAJOLO, Marisa O texto não é pretexto. In: Regina Zilberman. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993 [1982]. p. 51-62.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In: Regina Zilberman; Tania Rosing. (Org.). **Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas**. 1 ed. São Paulo: Global, 2009. p. 99-112.

LOPES DA SILVA; RAJAGOPALAN, K. **A Linguística que nos faz falhar**. São Paulo: Parábola, 2004.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MORAES, Isaias Albertin de; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. **A IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL: CAUSAS E DESAFIOS**. Conjuntura Austral, UFRGS, v. 4, n. 20, p.95-114, out. 2013. Bimestral. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2015/2137-1438733643.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.

MORAN, J. M. **Desafios na Comunicação Pessoal**. Gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

O GLOBO. **Cidades sofrem impactos da romaria de haitianos no Acre**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/cidades-sofrem-impactos-da-romaria-de-haitianos-no-acre-11355638>>. Acesso em: 06 out. 2015.

PATARRA, Neide Lopes. **O Brasil: País de imigração?** In: Revista E-Metropolis, nº 09, ano 3, junho de 2012. Pg. 01 – 18.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. **Estatuto dos Refugiados de 1951**. Brasília.

RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil**. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.). **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola, 2005. p.135-158.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Ética da Desconstrução**. In: NASCIMENTO, Evando; GLENADEL, Paula (Orgs.). **Em Torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

Resenha sobre o livro de POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, ALB. Mercado de Letras, 1996, 96 p., Coleção Leituras do Brasil

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. **Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

1 RODRIGUES, Rosângela Hammes; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. **Linguística Aplicada: ensino de língua materna**. Florianópolis: DLLV/UFSC, 2011.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 24º ED. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

SEARA, Izabel C., NUNES, Vanessa G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Christiane. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SEVERO, C. G. et. al. TÍTULO. Projeto de extensão (2014.5555). Universidade Federal de Santa Catarina. Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas. 2014-2016.

SEVERO, C. G. **Política(s) linguística(s) e questões de poder**. In: Alfa, rev. linguíst. (São José Rio Preto) vol.57 no.2 São Paulo 2013

STONE, J. Popular websites in adolescents out of school lives: critical lessons on literacy. In: KNOBEL, M; LANKSHEAR, C. (Eds.). **A new literacies sampler**. New York: Peter Lang. 2007.

VALLER FILHO, Wladimir. **O Brasil e a Crise Haitiana: a cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática**. Brasília: FUNAG, 2007

VEJA. **Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos**. "Concentração de frigoríficos e empresas da construção civil no oeste do Estado já atraiu mais de 900 haitianos que suprem a escassez da mão de obra na região". Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/sem-mao-de-obra-santa-catarina-importa-haitianos/>>. Acesso em: 06 out. 2015.

8. ANEXOS



Sala de aula onde o projeto foi realizado.



Ana Cláudia – professora de PLE – com quem compartilhei as aulas.

EDUCAÇÃO E IMIGRAÇÃO

Desde o segundo semestre de 2014, a prefeitura oferece aulas de língua portuguesa para haitianos. Iniciando com a turma do Almirante Carvalhal, em Coqueiros, e ampliando este ano para mais uma turma na Fundação Vidal Ramos, no centro. Este curso oferece aos haitianos o ensino da língua voltado para o acesso a serviços públicos, mobilidade, busca de emprego e atendimento ao público nos locais em que trabalham. A oferta da Educação de Jovens e Adultos, para a ampliação da escolaridade, e o Programa da Diversidade, visando a formação continuada são as estratégias da Secretaria Municipal de Educação (SME) para atender os imigrantes.

A novidade, para o próximo semestre, é o desenvolvimento de uma parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), de um curso de formação de multiplicadores de língua portuguesa, com objetivo de formar voluntários que tenham interesse em ensinar vizinhos, empregados, amigos, membros de instituições religiosas, por exemplo.

Após a capacitação dos voluntários, as turmas de imigrantes serão organizadas pela secretaria que realizará a coordenação pedagógica com o apoio dos professores da UFSC.

A iniciativa é para garantir que os imigrantes possam ter acesso à língua portuguesa o mais próximo possível da realidade em que estão inseridos. O cronograma prevê a realização do curso de formadores em agosto e o início das aulas em setembro com novas turmas. Essa parceria também prevê a criação de mais um campo de estágio para os estudantes da UFSC.

Matéria publicada na revista *Its teen* mencionando o projeto apresentado neste trabalho.⁸²

⁸² Disponível em http://issuu.com/revistait00/docs/its_teens_floripa_01/1 Acesso em 15/11/2015.



Minha turma de alunos em reportagem publicada pela revista *Its Teen*.⁸³

O HAITI ESTÁ AQUI

Haitianos e outros imigrantes
estão na escola para aprender
português, saber mais sobre
o Brasil e nos informar sobre
seus países de origem

É noite de quinta-feira, nos pátios da escola municipal *Abntrante Carralhal*, a bagunça e o barulho de crianças e adolescentes dão lugar ao clima mais contido dos estudantes da educação de jovens e adultos. Um cara alto de boné aba reta, moleton e fones Beats se esconde na mureta e fala ao celular, em tom de voz baixo. Três garotas assistem a cena do refeitório, não tiram os olhos dele. Todos têm os seus vinte e poucos anos.

Depois de muito tempo entre risinhos e conversas em tom de fofoca, as meninas decidem entre si quem sairá para abordá-lo. A escolhida "chega chegando" e fica animada ao descobrir que ele também mora no Morro da Caixa – o gato era seu vizinho! O riso tímido, a cabeça sempre baixa denunciam que *Choute Vinly* não se sente muito à vontade em ser tratado como atração. Além do mais, não quer dar trela para as brasileiras pois é comprometido.

Depois de muito tempo entre risinhos e conversas em tom de fofoca, as meninas decidem entre si quem sairá para abordá-lo. A escolhida "chega chegando" e fica animada ao descobrir que ele também mora no Morro da Caixa – o gato era seu vizinho! O riso tímido, a cabeça sempre baixa denunciam que *Choute Vinly* não se sente muito à vontade em ser tratado como atração. Além do mais, não quer dar trela para as brasileiras pois é comprometido.

Reportagem publicada pela revista *Its Teen* com minha turma de alunos.⁸⁴

⁸³ Disponível em http://issuu.com/revistait00/docs/its_teens_floripa_01/1 Acesso em 15/11/2015.

⁸⁴ Disponível em http://issuu.com/revistait00/docs/its_teens_floripa_01/1 Acesso em 15/11/2015.

Universidade Federal de Santa Catarina
Atividades de Extensão - Res. Nº 03/CUn/09
Formulário de Tramitação e Registro

Situação: **Relatório Final em Aprovação**
 O formulário original foi alterado.
 Protocolo nº: **2015.6375**

Título da Atividade:	Ensino de Língua Portuguesa para os Haitianos em Florianópolis: inclusão social e diálogo com o poder público
Objetivos e metodologia:	Este projeto de extensão visa: (i) estabelecer um diálogo com a prefeitura de Florianópolis - EJA - em torno de iniciativas públicas de ensino de língua portuguesa para a comunidade de haitianos residentes em Florianópolis; (ii) propiciar experiência de estágio de ensino de língua portuguesa como língua estrangeira a alunos do curso de Letras-Português; (iii) refletir sobre o papel da língua portuguesa como vetor de inclusão social e de cidadania; (iv) estabelecer um diálogo teórico e prático das políticas linguísticas acadêmicas com a comunidade de imigrantes haitianos em Florianópolis através de uma mediação feita pela Prefeitura. O projeto teve início em 01/06/2015 a partir de reunião realizada com representantes da Prefeitura (EJA), alunos de graduação em Letras e pós-graduação em Linguística. A partir de então, foram feitas 3 reuniões com o intuito de formalizar a experiência de estágio extracurricular de 2 alunos junto ao EJA da Prefeitura. Os alunos iniciaram suas atividades docentes em 08/08/2015, com previsão de finalização das atividades em 13/11/2015. O projeto encontra-se em andamento e as atividades de pesquisa, reflexão e debate seguirão até dezembro.
Palavras chave:	ensino de português como língua estrangeira; imigrantes haitianos; inclusão social.
Entidade parceira:	Prefeitura de Florianópolis
Município / Estado:	Florianópolis / SC
Forma de Extensão:	PROJETO DE EXTENSÃO
Período de realização:	08/09/2015 a 08/12/2015
Carga horária total da atividade:	150 horas
Número de pessoas atingidas por esta atividade:	50
A atividade receberá algum aporte financeiro?:	Não

Envolvidos nesta atividade de extensão

Coordenador	
Nro do SIAPE:	2580137
Nome do Coordenador:	Cristine Gorski Severo
CPF do Coordenador:	1842012924
Departamento:	CCE-DEP. DE LINGUA E LITERAT.VERNACULAS
Centro:	CENTRO DE COMUNICACAO E EXPRESSAO
Regime de trabalho:	DE
Fone de contato:	4891222010
E-mail:	crisgorski@gmail.com
Carga horária na atividade:	Não entra no PAD
Número de Horas TOTAIS:	30 horas
Receberá remuneração nesta atividade de extensão?	Não

Outros prof. ou servidores da UFSC envolvidos?	
------------------------------------------------	--

Alunos da UFSC envolvidos?	Sim
Pessoas externas à UFSC envolvidas?	Sim
Participantes	
Part. externo: Daniel G. Berger	Prefeitura de Florianópolis
Part. externo: Esther Oliveira	Prefeitura de Florianópolis
Aluno: ANA CLÁUDIA VICENTE DEMÉTRIO	Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola
Aluno: Cristian Edevaldo Goulart	LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Outras Considerações

Parecer do Departamento:	Aprovado
Data de aprovação:	10/10/2015 - Ad-referendum

Relatório final	
Avaliação sobre os objetivos e cronograma do projeto:	Os objetivos foram cumpridos. A saber: (i) estabelecimento de diálogo com a prefeitura de Florianópolis - EJA - em torno de iniciativas públicas de ensino de língua portuguesa para a comunidade de haitianos residentes em Florianópolis; (ii) construção de experiência de estágio de ensino de língua portuguesa como língua estrangeira a alunos do curso de Letras-Português; (iii) reflexão sobre o papel da língua portuguesa como vetor de inclusão social e de cidadania; (iv) estabelecimento de um diálogo teórico e prático das políticas linguísticas acadêmicas com a comunidade de imigrantes haitianos em Florianópolis através de uma mediação feita pela Prefeitura. Registra-se que o projeto teve início em 01/06/2015 a partir de reunião realizada com representantes da Prefeitura (EJA), alunos de graduação em Letras e pós-graduação em Linguística.
Avaliação das parcerias propostas no projeto:	Dentre os pontos elencados nos objetivos, destaca-se: Sobre (i): a construção de um diálogo com a Prefeitura de Florianópolis, através do setor de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), respeitou o ritmo e interesse da prefeitura, considerando suas reticências em relação às intervenções acadêmicas no trabalho dos professores da Prefeitura. O projeto de extensão reconheceu o papel de docentes concursados, atribuindo-lhe uma atuação de suporte pedagógico junto à realização do projeto, na Escola Almirante Carvalhal, em Coqueiros. Além disso, foram feitas quatro reuniões com a coordenação da EJA com fins de esclarecer o papel de cada instituição no projeto, bem como delimitar o papel dos estagiários, que atuaram de forma voluntária na ministração das aulas. A EJA tem sido responsável por oferecer aos haitianos o curso de Língua Portuguesa, realizado às 5as e 6as feiras na escola mencionada, entre 19h e 22h. Sobre o item (ii), as atividades desenvolvidas serão delimitadas a seguir. Sobre o item (iii), as reflexões teóricas foram feitas em duas etapas: a partir de reuniões com a orientadora do projeto, especialmente durante a fase de preparação e de construção do plano de atividades e de aula; a partir da escritura de um trabalho de conclusão de curso, com relatos fundamentados teoricamente a partir da uma integração teórica entre Políticas Linguísticas e Linguística Aplicada. O TCC será defendido pelo discente Cristian Goulart, em 11/12/2015. Sobre o item (iv), destaca-se à construção de um diálogo entre os estagiários e os haitianos, com aproximação em relação às reais demandas e percepções dos haitianos, fato que levou a vários redimensionamentos do projeto.
Atividades desenvolvidas:	Abaixo seguem, se forma sistematizada cronologicamente, as atividades desenvolvidas em sala de aula pelos dois estagiários, Cristian Goulart e Ana Cláudia Demétrio: 1) Cristian Goulart. SEMANA AULA DATA ATIVIDADES 1 1 06/08/2015 Aula Inaugural 1 2 07/08/2015 História do PB 2 3 13/08/2015 Apresentação Pessoal 2 4 14/08/2015 Cumprimentos / Saudações 3 5 20/08/2015 Numerais - Dias da Semana 3 6 21/08/2015 Atividade - Prática oral 4 7 27/08/2015 Família / habitação 4 8 28/08/2015 Animais / cores 5 9 03/09/2015 Pronomes Pessoais 5 10 04/09/2015 Singular - Plural 6 11 10/09/2015 Verbos (ter - ser) 6 12 11/09/2015 Tempos Verbais (passado - presente - futuro) 7 13 17/09/2015 Advérbios interrogativos 7 14 18/09/2015 Estrutura do PB (SVO)

	<p>8 15 24/09/2015 Trabalho no Brasil (carreiras, estudo, profissões, carteira de trabalho, SINE, prefeitura).</p> <p>8 16 25/09/2015 Atividade Audiovisual (filme)</p> <p>9 17 01/10/2015 Meios de comunicação audiovisual: a construção de estereótipos pela mídia de massa; novelas, filmes.</p> <p>9 18 02/10/2015 Atividade Prática- oralidade/escuta - leitura/escrita</p> <p>10 19 08/10/2015 Alimentação e seus significados sociais</p> <p>10 20 09/10/2015 Vestimentas e seus significados sociais</p> <p>11 21 15/10/2015 Mobilidade urbana e rotinas diárias</p> <p>11 22 16/10/2015 Estereótipos brasileiros e haitianos - Brasil: que país é este?</p> <p>12 23 22/10/2015 Saúde: postos de saúde, saúde pública, vacinação.</p> <p>12 24 23/10/2015 Higiene - Partes do corpo humano</p> <p>13 25 29/10/2015 Esportes / lazer</p> <p>13 26 30/10/2015 Cotidiano / situações formais e informais</p> <p>14 27 05/11/2015 Atividade prática - oralidade/escuta</p> <p>14 28 06/11/2015 Atividade prática - leitura/escrita</p> <p>15 29 12/11/2015 Perspectivas para o futuro</p> <p>15 30 13/11/2015 Encerramento</p> <p>2) Ana Cláudia Demétrio</p> <p>SEMANA AULA DATA ATIVIDADES</p> <p>1 1 07/08/2015 Apresentação Pessoal e participação na aula da turma 1 (professor Cristian)</p> <p>2 2 13/08/2015 Encaminhamentos e combinados acerca das futuras aulas</p> <p>2 3 14/08/2015 Fonética/Fonologia do Português Brasileiro (colocações mais gerais)</p> <p>3 4 20/08/2015 Classificação dos fonemas / Encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos</p> <p>3 5 21/08/2015 O estudo da sílaba - Classificação das palavras quanto ao número de sílabas</p> <p>4 6 27/08/2015 Classificação das palavras quanto ao acento tônico</p> <p>4 7 28/08/2015 Ortografia - Emprego do H</p> <p>5 8 03/09/2015 Emprego do S</p> <p>5 9 04/09/2015 Emprego do Z</p> <p>6 10 10/09/2015 Aula conjunta com a turma 1 (falta de sala). Verbos (ter - ser)</p> <p>6 11 11/09/2015 Acentuação gráfica</p> <p>7 12 17/09/2015 Escrita de um texto referente às perspectivas para um ano</p> <p>7 13 18/09/2015 Trabalho com problemas textuais e ortográficos com base nos textos dos alunos</p> <p>8 14 24/09/2015 Verbo: uma introdução</p> <p>8 15 25/09/2015 Atividade Audiovisual (filme)</p> <p>9 16 01/10/2015 Aula com o professor Cristian</p> <p>9 17 02/10/2015 Baixo número de alunos: Atendimento individual referente à dúvidas gerais.</p> <p>10 18 08/10/2015 Tempos Verbais - Pretérito, Presente e Futuro</p> <p>10 19 09/10/2015 Modos Verbais - Indicativo, Subjuntivo e Imperativo</p> <p>11 20 15/10/2015 Conjugação Verbal</p> <p>11 21 16/10/2015 Derivação de grau nos nomes (substantivos e adjetivos)</p> <p>12 22 22/10/2015 Preposição</p> <p>12 23 23/10/2015 Preposição</p> <p>13 24 29/10/2015 Advérbios</p> <p>13 25 30/10/2015 Advérbios</p> <p>14 26 05/11/2015 Atividade prática - oralidade/escuta</p> <p>14 27 06/11/2015 Atividade prática - oralidade/escuta</p> <p>15 28 12/11/2015 Escrita de texto sobre o processo de aprendizagem da língua portuguesa</p> <p>15 29 13/11/2015 Encerramento</p>
Ação resultante do projeto:	<p>O projeto resultou na realização de um trabalho de final de curso, por Cristian Goulart, em que o discente relata suas atividades e tece uma série de avaliações e análises a partir das leituras teóricas nas áreas de Políticas Linguísticas e Linguística Aplicada. Além disso, ressalta-se que os dois alunos passaram na seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística, o que possibilitará um aprofundamento do projeto e do diálogo com a Prefeitura.</p> <p>Tem-se como meta alargar as relações institucionais, incluindo as ONGs responsáveis pelo acolhimento e assistência aos haitianos, como a GAIRF (Grupo de Apoio a Imigrantes e Refugiados em Florianópolis e região).</p> <p>Pretende-se manter o diálogo com a EJA, propondo pequenos projetos em parceria. Contudo, devido a uma série de ruídos que ocorreram na relação UFSC/EJA, busca-se alargar os parceiros, de forma a diversificar as fontes de intervenção política e social.</p>
Público atendido:	adultos
Dificuldades encontradas:	<p>As dificuldades foram, em grande medida, de ordem material, como disponibilidade de material didático, de saída de aula e de equipamentos para ministrar as aulas. Embora a prefeitura tenha se disposto a oferecer todas as condições materiais possíveis para a realização do projeto, os alunos sentiram muitas dificuldades em relação a esse assunto, além de um distanciamento da assistente pedagógica em relação ao trabalho deles. A assistente pedagógica, que deveria dar suporte aos haitianos e aos estagiários na escola, muitas vezes não compareceu às atividades, deixando os estagiários sozinhos. Também, a ausência de bolsa para os alunos exigiu deles maior envolvimento e dedicação, incluindo gastos financeiros pessoais (com gasolina e material didático, por exemplo).</p>
Houve disseminação dos:	Sim

resultados?	
Tipos de disseminações:	
Descrever a disseminação:	O trabalho será divulgado em eventos acadêmicos e científicos, a partir de 2016, a exemplo da Semana de Letras e SEPEX. Essa divulgação trará mais frutos, uma vez que os dois alunos foram aprovados no exame de seleção (PPGLg) e levarão adiante as reflexões da pesquisa iniciada. O projeto encerrou-se em novembro, não possibilitando aos alunos tempo suficiente de reflexão teórica elaboração de material de divulgação.


Relatório financeiro e prestação de contas	
Instituições parceiras:	
Despesas:	
Receitas:	
Órgãos financiadores:	
Saldo (se houver):	
Destino do saldo (se houver):	

Cristine B. Louren
 Fpolis, 11/10/2015

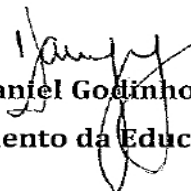


PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO FUNDAMENTAL
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

DECLARAÇÃO

Declaramos que, Cristian Edevaldo Goulart, portador do CPF  nascido em 03/09/90, na cidade de São José/SC, ministrou aulas no Curso de Língua Portuguesa para Haitianos na Turma do Polo Avançado de Educação de Jovens e Adultos de Coqueiros – Núcleo Continente I, desta Rede Municipal de Ensino

As aulas de língua portuguesa foram realizadas no período de 06/08/2015 à 13/11/2015, perfazendo o total de 120 horas.


Daniel Godinho Berger
Chefe de Departamento da Educação de Jovens e Adultos

Florianópolis, 17 de novembro de 2015.